



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
CURSO DE BACHARELADO EM FILOSOFIA**

JACKSON DOS REIS DE JESUS

**O CONHECIMENTO DO MUNDO EM SANTO TOMÁS DE
AQUINO**

SALVADOR
2020

JACKSON DOS REIS DE JESUS

**O CONHECIMENTO DO MUNDO EM SANTO TOMÁS DE
AQUINO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
em Filosofia, Universidade Católica do
Salvador como requisito para obtenção do grau
de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio Dantas
Vasconcelos.

SALVADOR
2020

JACKSON DOS REIS DE JESUS

**O CONHECIMENTO DO MUNDO EM SANTO TOMÁS DE
AQUINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Católica do Salvador como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Aprovado em 14 de Dezembro de 2020

Prof. Dr. Paulo Sérgio D. Vasconcelos – Orientador _____

Prof. Dr. Francesco Bindella _____

Prof. Pe. Dr. Jairo de Jesus Menezes _____

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos que apoiaram a minha vocação, por excelência minha madrinha Dona Cecília, em especialmente aos falecidos nesse tempo de pandemia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Pai Todo Poderoso, que me constituiu homem de boa vontade e liberdade, e que me convidou ao chamado do serviço. Louvo pela intercessão poderosa da Bem Aventurada e sempre Virgem Maria, especialmente com o título de Perpétuo Socorro, que me concedeu pela sua gloriosa intercessão a luz dos mandamentos sagrados e da perseverança.

Aos meus pais Jailson Lima e Meirejane Conceição, que me trouxe ao mundo e me ensinou a batalhar e lutar pelos meus sonhos, no qual demonstraram-me que o esforço e dedicação são frutos do homem. Aos meus familiares de linhagem paterna e materna que me apoiaram nessa caminhada. Em modo concreto minha tia Virgínia e o meu padrinho Jair que me motivaram nessa jornada acadêmica.

À Paróquia de Santa Teresinha Doutora da Igreja com todas as comunidades paroquiais, especialmente a comunidade de origem Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que me apoiaram e sempre rezam por mim. Também ao meu Pároco Pe. Anastácio Gilberto que me enviou ao Seminário. Ao Seminarista e irmão de paróquia Alexandre que me apoiou e contribuiu nesse trabalho.

Ao Seminário São João Maria Vianney, pelo acolhimento na casa formativa, na pessoa do Pe. Gil André Peixinho e todos os formadores, juntamente com os meus irmãos de caminhada a quem convivo no Seminário.

Por fim agradeço ao meu orientador, o Professor Paulo Vasconcelos, a quem carinhosamente chamo de “Poeta”, pela sua atenção, paciência e compromisso em conduzir rumo à primeira conquista da formação acadêmica no nível superior de ensino.

A razão, de fato, é aquele acontecimento singular da natureza qual esta se revela como exigência operativa que leva a procurar explicar a realidade *em todos os seus fatores* de modo que o homem seja introduzido na verdade das coisas. (GIUSSANI, 1922, p.153).

JESUS. Jackson dos Reis de. O conhecimento do mundo em Santo Tomás de Aquino. 53f. 2020. Monografia (Graduação) - Curso de Bacharelado em Filosofia, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2020

RESUMO

O homem tem uma inclinação ao conhecimento. A forma como se origina esse conhecimento é abordada por Santo Tomás de Aquino na obra da *Suma Teológica*, principal fonte bibliográfica desta pesquisa. O objetivo deste trabalho é interpretar e compreender a capacidade que o Ser humano tem a capacidade de conhecer através da razão. Através do método hermenêutico e de pesquisas bibliográficas, este estudo esclarece as perspectivas de Santo Tomás em relação ao modo de como se manifesta o intelecto. O processo se inicia na sensação, auxiliado pelos sentidos externos e internos, alcançando a potência da memória e culminado na intelecção. Por sua vez, o homem é iluminado pelo intelecto supremo. Através da necessidade da vontade e da liberdade, o homem é capaz de conhecer o que é proposto na sua realidade. A relevância deste trabalho consiste em mostrar a importância do intelecto humano. À luz deste tema é possível perceber a importante contribuição tomista, para o Ser humano melhor compreender a si mesmo e ao mundo.

Palavra-chave: Potência. Memória. Intelecto. Vontade.

JESUS. Jackson dos Reis de. The knowledge of the world in Saint Thomas Aquinas. 53f. 2020. Monograph (Graduation) - Curso de Bacharelado em Filosofia, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2020

ABSTRACT

The human being has an inclination to knowledge. The way knowledge originates is addressed by Saint Thomas Aquinas in his *Summa Teológica*, the main bibliographic source of this research. The objective of this paper is to interpret and understand the capacity that the Human Being has to know through reason. Through the hermeneutic method and bibliographic research, this study clarifies Saint Thomas perspectives in relation to the way in which the intellect is manifested. The process begins with sensation, aided by external and internal senses, reaching the potency of memory and culminating in intellection. In turn, man is enlightened by the supreme intellect. Through the need for will and freedom, man is able to know what is proposed in his reality. The relevance of this paper is to show the importance of the human intellect. It is possible to perceive, through this theme, the important Thomistic contribution for the Human Being to better understand himself and the world.

Keyword: Potency. Memory. Intellect. Will

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CAPÍTULO I - A NATUREZA DO HOMEM	15
2.1	UNIÃO DO CORPO E DA ALMA	16
2.1.1	Potência da Alma	16
2.2	O CONHECIMENTO SENSÍVEL	17
2.2.1	Os Sentidos Externos	18
2.2.2	Os Sentidos Internos	20
2.2.2.1	<i>Sentido Próprio</i>	21
2.2.2.2	<i>Sentido Comum</i>	21
2.2.2.3	<i>Memória, caminho ao intelecto</i>	22
3	CAPÍTULO II - INTELECÇÃO DAS COISAS CORPÓREAS	25
3.1	CONHECIMENTO INTELECTIVO	27
3.1.1	Potência do Intelecto	28
3.1.1.1	<i>Intelecto Agente</i>	29
3.1.1.2	<i>Intelecto Possível</i>	30
3.2	INTELECTO HUMANO	31
4	CAPÍTULO III - O CAMINHO DA ALMA AO CONHECIMENTO	35
4.1	O INTELECTO COM A ALMA SUPERIOR	36
4.2	O HABITUS E A VONTADE	37
4.2.1	Livre Arbítrio	40
4.3	VERDADE	42
4.3.1	Acidentes	44
4.3.1.1	<i>Qualidade e Relação</i>	45
4.3.2	Falsidade	46
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIA	51

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa discutir o problema do conhecimento do mundo em Tomás de Aquino. O objetivo é interpretar e compreender como ele entende a capacidade do ser humano de conhecer, através da razão. A análise deste tema se dará a partir da obra *Suma Teológica* nos capítulos referente ao Tratado de Deo Uno, nas questões 16 e 17 e no Tratado sobre o homem, da questão 75 a 88. O método utilizado será o hermenêutico. Visa compreender como é que o filósofo relaciona e diz que o homem chega ao conhecimento através dos sentidos.

O escolástico é uma das principais personalidades da filosofia na idade média. Seu pensamento teve grande influência por ter elaborado uma síntese da filosofia antiga e da doutrina cristã, na qual razão e fé (filosofia e teologia) se entrelaçam. Uma das grandes obras de alto impacto, onde seu objetivo é expor com clareza a Sagrada Doutrina. O grande Doutor foi a referência da Idade Média. A *Suma Teológica* foi criada para o agir e o pensar; esta obra é considerada um pouco avançada por sua estrutura dialética, pois nela estão contidos os argumentos dos árabes, dos filósofos e da Bíblia, com o grande propósito de dialogar. E porque cristianizou Aristóteles ele foi colocado em questão na Europa, pois as ideias de Aristóteles iam de encontro às leis da Igreja. Os pagãos acreditavam que a vida é feita pela racionalidade. Santo Tomás viu a grande possibilidade deste diálogo. Então ele fez um “pente fino” na ideia Aristotélica trazida pelos Árabes. O que eles acertaram foi conservado e o que foi considerado erro ele procurou consertar. Através desta lógica (algo racional) poderia convencer eles (pagãos) a essa teologia segura.

O que me levou a buscar e explorar como conhecemos o mundo através do inteligir, foi a influência de que o escolástico, a partir do conhecimento influenciará a fonte da razão. Essa dificuldade que tinha com os pagãos e com as necessidades daquela época, onde o racional não era bem visto pela Igreja porque pela leitura de Aristóteles pelos filósofos Árabes, acabou entrando em conflito. Para entender o homem para o mundo devemos nos voltar para Deus. A razão nos prepara para a fé. A filosofia nos vai dar o conhecimento imperfeito das coisas (ela nos oferece) e a teologia nos dá o que é revelado. Ou seja, a razão é o fator distintivo próprio da natureza do homem, isto é, a capacidade de dar-se conta do real segundo a totalidade dos fatores.

Iremos trazer uma abordagem que reverbera os tipos de conhecimento, na qual elevam os graus de conhecimento de modo explícito, uma doutrina do conhecimento. Ela (conhecimento) se encontra na realidade tal como o deve desenvolver de modo razoável. Ele foi considerado príncipe da escolástica, um dos grandes e que sobretudo trouxe como novidade a

releitura de Aristóteles. Étienne Gilson escreveu que “o distintivo de Santo Tomás entre todos os escolásticos, não é a originalidade, mas o vigor e a coesão da construção”. Então percebemos o valor e a luz que ele trouxe para aquela época considerada Idade das Trevas. Ele buscou conciliar e conceituar razão e fé, que foi um problema do conhecimento na idade média. Assim procurou estabelecer uma unidade interna ao sujeito e seus princípios vinculados ao conhecimento. Como princípio procurar estabelecer a relação entre fé e razão através das vias racionais e trazer uma releitura do aristotelismo e a reconstrução do pensamento medieval na releitura do mundo buscando superar preconceitos e concepções equivocadas no que se refere ao intelecto do homem através dos sentidos da razão. Logo, através da “luz natural” está a revelação, que existem dois tipos de conhecimento: o natural que é de comum ao homem esse Ser capaz de conhecer e o sobrenatural que é iluminado por esse Bem supremo na qual é transmitido ao intelecto humano esse conhecimento.

Há dois níveis que são conhecidos como o sensível e o intelectual, como também para ele todo conhecimento tem o seu ponto de partida que está nos sentidos e eventualmente chegará ao intelectual. Essa origem do conhecimento surge a partir da influência de Aristóteles, porque vai conceituar que conhecemos tudo nas razões, ou seja, o sentido, em virtude de como vemos o sol (toda sua luz) se não a conhecemos por completo? Por isso é preciso do conhecimento sensível para chegar a uma verdadeira ciência (intelectivo), com o propósito de deixar claro que as coisas são porque são, ou seja, confirmada pela autoridade dos sentidos trazer o reconhecimento da realidade para o real daquilo que a mente tem certeza da existência do objeto.

Assim, o primeiro nível diz respeito à dimensão da corporeidade do homem e o segundo nível diz respeito à dimensão da alma. É distribuída no primeiro nível a dimensão das formas concretas e particulares (ex. esta cadeira), tudo que está ao particular ao conhecimento. O segundo nível é o intelecto onde a partir das formas abstratas e universais (ex. verdade). Então ele classifica o sensível em externo e interno; e o intelecto em agente é possível ou passível.

Os princípios universais aparecem como uma luz que jorra conhecimento da ideia: “o que o homem primeiro apreende é o ser; seja o que for que conhecemos, aí está o incluído” (HIRSCHBERGER, 1966, p.154), ele não pode afirmar ou negar porque a princípio é uma ideia daquilo que é apresentado. Mas a essas ideias particulares são apresentados conceitos a respeito de gênero ou espécie. Ou seja, aquilo que é dado como forma natural.

Os sentidos externos são responsáveis por receber informações vindas do mundo exterior e registrar nos sentidos internos. Os internos recebem dos externos a percepção imediata produzida pelos objetos. Assim ele classifica em quatros tipos: sentido comum,

imaginação, memória e estimativa ou cognitiva, sendo que cada uma tem suas funções tais como reproduzir, armazenar, associar, imaginar, conservar. Sendo assim, a tudo isso ele chama de primeiro nível que funciona com formas particulares e concretas. Porém, se esse nível não estiver extremamente apurado não irá conseguir passar para o intelecto porque ele depende desse nível. Ou seja, o intelecto irá ver as coisas em sua natureza, mas são nos sentidos que exercerá sua atividade primeira.

Assim, o sentido comum é o ponto que faz a ligação do externo para o interno. É como se fosse uma peneira que vai selecionando as informações do sentido. Logo, a imaginação tem como tirar impressões tais como imagens e fantasma. Interessante que Tomás vai frisar que a ideia de fantasma é importante para o conhecimento, pois vai dizer que o fantasma é a matéria prima, em poucas palavras, o “essencial”. A memória é para armazenar os fantasmas, ou seja, o lugar para juntar e fazer a veracidade das informações que estão contidas na memória.

Para Tomás o conhecimento só é possível se voltarmos aos fantasmas que estão no conhecimento sensível (*convertendo se ad phantasmata*). É como se estivéssemos voltando a observar as nossas imagens intuitivas porque o objeto próprio do intelecto humano está unido ao corpo. A essência que existe nas coisas materiais, a natureza das coisas sensíveis é elevada ao “supra-sensível” ou seja dependeria do particular com o sensível.

O segundo grau contém o intelecto agente e o possível ou passível. Importante frisar que estão interligados os sentidos externos e internos, ou seja, vimos que dos sentidos externos são captados e julgados no primeiro momento, mas depois cabe ao intelecto extrair, (o que Tomás chama de “quid”) a essência, aquilo que o próprio objeto, pois é necessário cumprir todas as passagem do modo determinado para poder estar seguro em avançar. “O intelecto humano, unido ao corpo tem como objeto próprio a quiddidade ou natureza existente nas coisas corpóreas que ele abstrai dos fantasmas por veredas dos seus dois momentos” (AQUINO apud COSTA, 2011 p.7). O conhecimento intelectual tem como base o sensível que é a matéria da causa. O grande passo a verdadeira causa eficiente onde serão extraídos os fantasmas da experiência sensível e do particular.

O intelecto agente é responsável por extrair a natureza universal. Os fantasmas em potência são conduzidos ao intelecto possível ou passivo. Ele pega esse (quid), essência dos fantasmas, e transforma em universais. O possível ou passivo é importante e essencial na medida em que o intelecto agente só extrai a natureza universal. O possível recebe em ato as informações, logo o intelecto possível pode concluir o processo do conhecimento.

Podemos dizer que o conhecimento natural de Deus se dá em duas ordens distintas da verdade. A primeira é que nossa razão natural pode admitir, ou seja, o homem pela luz natural

da razão e pelas criaturas sobe até Deus. A segunda é Deus que se revela no intelecto humano pela revelação. Para Tomás o conhecimento natural de Deus é o nível máximo que o homem pode chegar. Segundo ele, não é um conhecimento perfeito, porém é o mais amado e o mais desejado pelo homem. Portanto, recebemos essa luz (Deus) que por sua sabedoria nos dotou da natureza humana com os princípios da razão que é a base para o nosso conhecimento natural.

Em virtude dessa via que Santo Tomás aborda, considera que mesmo com a certeza dessa iluminação de Deus (intelecto supremo), o homem está sempre em busca da verdade. Está à disposição dele todas as virtudes tanto da vontade quanto da liberdade. Mas que devido às situações diversas encontrará pelo natural algumas dificuldades que ele vai nomear de acidentes, gerando uma falsidade (erro). Contudo, o homem dotado de razão e conhecimento fará com que busque sempre o conhecimento por excelência da coisa, ao qual ele chamará de essência.

A razão do intelecto é considerada em potência o que todo homem deseja do conhecimento. Conhecemos a matéria através da forma, assim também acontece com o imperfeito para o perfeito. A memória do homem, por experiência do contato com o mundo, é capaz de conhecer aquilo que é apresentado por via de regra universal. O trabalho se desenvolverá, como o próprio tema sugere, com a busca do conhecimento; logo será de caráter básico para fins educacionais visando a compreensão deste filósofo, procurando ter uma releitura da obra com ênfase para maior compreensão e com alguma explanação de alguns comentadores.

Na Encíclica *Aeterni Patris*, o Papa Leão XIII, exorta que um filósofo tão renomado conseguiu dialogar com inúmeros pensamentos daquela época e que hoje alguns filósofos de renomes também fazem essa leitura em busca desse conhecimento, do qual nenhum filósofo procurou debater quase todos os temas. Na abertura da Súmula Contra o gentios diz: “O sábio é aquele que ordena todas as coisas”(AQUINO, 1990. p.20). E então, como ordenar se não for através do estudo. Logo, é necessário voltar a ele para aprender dele aquilo que é essencial para vida. “Se alguém de vocês tem falta de sabedoria, que peça a Deus, e ele a dará, porque é generoso e dá sem impor condições.” (Tg 1,5). Importante que para esse sentido acionamos a sabedoria. O Doutor nos convida a essa busca, pois como grande exemplo, demonstra que somos iluminados e como filhos de Deus recebemos essa luz que nos faz conhecer o mundo. Pois assim percebemos a importância de explorar como conhecemos o mundo e daquilo que nos leva da razão à fé. A filosofia nos concede o conhecimento imperfeito das coisas e segundo Tomás de Aquino, Deus nos revela esse conhecimento através da natureza, por isso ele sempre enfatiza que todo homem é inclinado para o saber. A luz da razão ou seja luz divina nos leva a essa paixão do conhecimento.

A abordagem deste presente trabalho se dará em três capítulos. No primeiro capítulo abordará sobre a conexão do homem com a natureza através dos sentidos, onde iniciará o caminho do conhecimento. No segundo capítulo trará essa ligação dos sentidos com o intelecto do homem em suas potências. E por fim o terceiro capítulo, sobre a busca desse conhecimento que o homem tem por via da vontade e liberdade, que pode gerar uma realidade verdadeira ou por causa dos acidentes ou da falta de liberdade ocasionando uma falsidade.

Portanto, o presente trabalho reverbera na problemática de “Como a razão pode influenciar na concepção de mundo pelo intelecto? Assim, irei trazer uma abordagem que segundo ele é o caminho que fazemos para chegar ao conhecimento. Além disso, o mundo apresenta uma série de seres menos ou mais perfeitos e que são comparados entre si de maneira relativa. Essa hierarquia apresenta-se como uma ordem em que cada ser cumpre sua finalidade: os seres vivos reproduzem-se constantemente, e os corpos sempre buscam o seu lugar natural, mesmo que disso não tenham conhecimento. Se a finalidade de cada ser é assim completada, mesmo que inconscientemente, deve haver inteligência que conheça e organize o mundo de acordo com sua finalidade. Portanto, afirma que esse conhecimento inteligível não é o perfeito, mas chega perto do ideal.

2 CAPÍTULO I - A NATUREZA DO HOMEM

Ao longo do tempo, inúmeros filósofos afirmaram que o homem é racional. Pois a natureza aqui compreende uma especificidade do que o homem é. Antes de qualquer coisa o homem conhece o fim ao qual cada coisa tende por natureza e conhece uma ordem do cumprimento naturalmente. Um exemplo da relação do homem com o mundo do qual a razão nos move ao conhecer é dizermos que $(a+b)(a-b) = a^2-b^2$, afirmamos que é um valor matemático, isto é, um valor que pertence às verdades matemáticas. Mas como fazemos para dizer que $(a+b)(a-b) = a^2-b^2$? Percorremos um longo caminho, damos passos, como numa estrada, dando passo após o outro e acabamos nos deparando com a evidência.

Assim, para o Aquinate, a razão do intelecto é considerado em potência o que todo homem deseja: o conhecimento. Conhecemos a matéria através da forma, assim também acontece com o imperfeito para o perfeito. A memória do homem, que por experiência do contato com o mundo, é capaz de conhecer aquilo o qual é apresentado por via de regra universal. É preciso partir das verdades "racionais", porque é a razão que nos une. É sobre essa base que se podem obter os primeiros resultados universais, porque racionais, com base nos quais se pode depois construir um discurso de aprofundamento de caráter teológico.

Segundo Santo Tomás, a mente age livremente, mas sua liberdade consiste exatamente em descobrir um caminho para a liberdade e a luz do dia. “Ora, o movimento mesmo da vontade é certa inclinação para alguma coisa. Por onde, assim como se chama natural [...]” (ST I, Q.82, art.1). Mesmo com os escritos de Tomás, surgiram outros pensamentos ao longo do tempo a respeito da releitura de Aristóteles demonstrando contra ou a favor, sobre viés filosófico sobre sua metafísica do conhecimento. Mas seu legado demonstrou que a filosofia ainda é relevante no modo como pensamos sobre a questão do conhecimento. Demonstrou como a filosofia fornece ferramentas para a investigação inteligente, permitindo investigar o que acontece e não acontece a partir do nosso inteligível. Jacques Maritain em seu livro *Theonas* disse que: Deus fez o homem tal que ele fosse capaz de ter contato com a realidade; e que nenhum homem separe o que Deus uniu.

A partir desse caminho da luz natural para a razão, o homem tem sua perspectiva antropológica. Como Francis Bacon dizia: “conhecer é relacionar”, o homem é uma unidade substancial de corpo e alma. O conhecimento natural está ligado à verdade da razão humana e o sobrenatural da fé. Ora, o conhecimento se alicerça na rocha firme do entendimento – fé para

razão, ou seja, o conhecimento natural emana da capacidade cognitiva da razão humana cujo resultado é filosofia.

2.1 UNIÃO DO CORPO E DA ALMA

A alma é racional e o corpo se une a ela de forma única. Por ela o homem recebe a substância e o ente. Por isso, essa alma dá ao corpo o essencial da perfeição, que é capaz dessa comunicação com o ato de ser em si mesma. Pelo fato da alma ser racional, o corpo é como extensão da substância física. Essa união se dá a partir da natureza, ou seja, como potência e ato, que resulta em uma só pessoa e uma só natureza. “O corpo são é a saúde, e pelo que primariamente, a alma sabe é ciência; por onde, a saúde é a forma do corpo e a ciência é, de certo modo, a forma da alma” (ST I, Q.76, art.1). O corpo deve fornecer o fenômeno que se apoia na abstração e elevada às imagens dos sentidos. E, por conseguinte, o intelecto nos “dilata” como se fosse uma purificação dos sentidos.

Este corpo é a única forma verdadeira, substancial e imediata de dar todos os degraus da perfeição. Esses degraus tem uma potência de ir e voltar. O homem no início é um ente, e esse ente que é substância que é corpo, este corpo que é vida, ele vive e movimente e sente, logo é racional.

Ora, é manifesto que a alma é o princípio primário da vida do corpo. E como a vida se manifesta por operações diversas nos diversos graus de viventes, aquilo que produz, primariamente, cada uma das obras da vida é a alma. Pois é pela alma que, primariamente nos nutrimos, sentimos, movemo-nos localmente e, semelhantemente, inteligimos. (ST I, Q.76, art.1)

Portanto, esse homem, que pela mesma forma da alma intelectual, se movimenta, é vida e corpo, logo é substância e ente.

2.1.1 Potência da Alma

A alma é definida em diversas atividades como sensações, desejos, movimentos, tudo que está ligado ao corpo. Estando com sua alma considerada na sua essência em finalidade ato. Essa potência que por sua natureza são distintas, pela sua essência natural sempre chegará a um ponto alto. Essas potências agem sobre a razão que através do apetite sensível, concupiscível ou irascível; pode ou não vir a ato. Que entre as potências, umas que implicam um órgão corporal,

existem no composto ou no vivente total, como em seu sujeito; enquanto outras, que agem sem órgãos, são diretamente inerentes à alma (ARISTÓTELES apud GARDEIL, 2013, p. 36). Segundo ele, a potência ordena em ato, pelo relacionamento do objeto, sendo verificado o tempo nas potências passivas e ativas, movidas pelo objeto. A natureza própria do objeto, em princípio, é revelada através dos sentidos, por exemplo: cor e som; que é considerado tal como é. Porém existe também o que é por acidente como o colorido.

Existem três tipos de alma: a racional que não requer exercício de nenhum órgão corporal; sensitiva que age por meio de órgão, mas não interfere nos elementos físicos; vegetativa, que além de atividade de órgãos apropriados supõe elementos. Assim o homem que é uma alma inferior em comparação ao Criador, assume a única alma racional que é ao mesmo tempo princípio de vida intelectual, sensitiva e vegetativa. A partir dessa única alma racional, se baseia uma universalidade do conhecimento. Porque o corpo particular que é unido à alma, e que pelo conjunto dos corpos sensíveis em uma crescente, logo as potências vegetativas. Porém relativamente dois outros gêneros do objeto elevam a potência no fator conhecimento, em sentido e inteligência. Com isso, existem para o homem cinco faculdades definidas por Santo Tomás: *vegetativum, sensitivum, intellectivum, appetitivum, motivum secundum locum*.

As faculdades vegetativas: as plantas, faculdade sensitiva, mas sem ser dotados de motricidade: os animais inferiores; outros ainda mais têm a faculdade de ser mover: os animais superiores que vão por si a busca do que lhes é necessário para viver; outros enfim que possuem, a mais, a inteligência: os homens. Quanto ao apetite, não é característico de nenhum gênero particular de vida visto encontrar-se analogicamente em todo ser. (GARDEIL 2013, p. 43)

2.2 O CONHECIMENTO SENSÍVEL

Este tipo de conhecimento se dá a partir da alma particular que origina na alma sensitiva. Com isso se relaciona? São três faculdades: conhecimento sensível, apetite sensível e a potência motora. Assim, resulta sobre a ação dos objetos aos sentidos particulares. Santo Tomás abre duas ramificações dessa potência que são os sentidos externos e internos. Os sentidos externos são responsáveis por receber informações vindas do mundo externo (fora do corpo) e registrar nos sentidos internos. Já os sentidos internos que recebem essas informações pela percepção imediata produzida pelos objetos. Assim ele classifica em quatro tipos: o comum, imaginação, memória e estima, sendo que cada uma tem suas funções tais como reproduzir (imagem),

armazenar, associar, imaginar e conservar (memória). Sendo assim, a tudo isso ele chama de primeiro nível que funciona como formas particulares e concretas.

Assim, o sentido comum é o ponto que faz a ligação do externo para o interno. É como se fosse uma peneira que vai selecionando as informações do sentido. Logo, a imaginação tem como tirar impressões tais como imagens e fantasma. Interessante que Santo Tomás vai frisar que a ideia fantasma é importante para o conhecimento, pois vai dizer que é a matéria prima, em poucas palavras, o “essencial”. A memória é para armazenar os fantasmas, ou seja, o lugar para juntar e fazer a veracidade das informações que estão contidas na memória. Para ele o conhecimento só é possível se voltarmos aos fantasmas (*convertendo se ad phantasmata*) que estão no conhecimento sensível. É como se estivéssemos voltando a observar as nossas imagens intuitivas porque o objeto próprio do intelecto está unido ao corpo.

2.2.1 Os Sentidos Externos

Como a própria palavra aborda, percepções externas. Tudo que nos afeta é recebido no mundo exterior. Os órgãos que temos são capazes de deduzir e dominar alguns elementos. É a razão de perceber o objeto segundo sua qualidade ou de um corpo simples ou resultado de um todo. A potência do conhecer o objeto se dá no particular daquilo que o sentido é capaz de receber a forma. “Definidos estes pontos, passemos ao que é comum a toda e qualquer percepção sensível. A percepção sensível consiste em ser movido e afetado” (ARISTÓTELES 2006, p. 83). Por tanto os sentidos externos são capazes de abstrair o objeto em potência material e pode ser captado por vários sentidos como afirma Santo Tomás na *Summa teológica* “Se o conhecimento intelectual é recebido das coisas sensíveis” (ST I. Q.84, art.6).

Esse particular que possuímos tem influência sobre o objeto sensível. Isto é a forma de cor, de som, etc... Quanto mais imaterial for, a ação da espécie sobre o objeto mais fácil avança nos sentidos.

A razão da distinção e do número dos sentidos externos, alguns quiseram deduzi-la dos órgãos, nos quais domina um dos elementos – a água, o ar, ou outro qualquer. Outros porém do meio, que é conjunto ou extrínseco; sendo este o ar, água ou coisa semelhante. Outros ainda da natureza diversa das qualidades sensíveis... (ST I. Q.78, art.3).

Se “... a natureza da coisa sensível (ST I. Q.84, art.8)”, passa pelos sentidos, logo, o Aquinatense, anuncia que por meios dos sentidos (corpo) temos esse primeiro contato. O tato é o que contém de imediato esse contato com o objeto de uma maneira que imediatamente

percebe-se a forma; o paladar vem logo após que por via pode-se alterar porque a sensação gustativa só é possível pelo umedecimento da língua; o ouvido e o nariz, segundo ele estão mais distantes da matéria e recatada que não sofre alteração quando recebido; o mais elevado é a visão, pois, não é influenciado por nenhuma alteração no objeto que percebe nas substâncias perecível ou imperecível. Então, esse exterior dos sentidos é capaz de alterar pelo fato de distinguir sua potência sensitiva.

Interessante que Santo Tomás enfatiza que essa acepção que chega a nós, por meio dos sentidos naturais, resultante de algumas alterações como tem essa ênfase que o corpo precisa ser impactado pelo objeto. Assim, essa alma sensitiva pode fazer tal operação mediante as virtudes. Nesse modo citado acima, somos impactados pelas coisas externas. A alma está inclinada a essa intenção apetitiva e também pelo motivador local na qual está para o movimento. Quanto mais somos impactados pelos externos, mais conhecemos os objetos.

Em Aristóteles essa sensação da coisa exterior afeta de algum modo a potência do sensível. Essa sensação provém do movimento padecido de uma paixão. Porém essa alteração nos sentidos não fará nenhuma modificação no objeto físico. Percebe-se que nesse ponto Santo Tomás adere o pensamento de Aristóteles quando Gardeil (2013) afirma: “a recepção da forma tem aqui seu caráter muito particular: diz-se-a que o sentido é aquilo que é capaz de receber a forma sem matéria”. A sensação, portanto a finalidade da ação do objeto sobre o sentido, logo, Santo Tomás nomeia de potência. Importante concluir que a faculdade de conhecer, não é contida em uma paixão corporal, mas aquilo que é a principal potência da sensação.

O primeiro é o passivo que é informado ou determinado pelo objeto exterior, segundo é o ativo que constituído o mesmo ato de conhecer onde a potência é informada e determinada. Para ele existem duas maneiras desse homem ser afetado: a ordem natural (*immutatio naturalis*) e a ordem psíquica (*immutatio spiritualis*). Então, o primeiro ponto é reconhecido na natureza conforme seu está nela (como me apresento) e o segundo conforme meu intencional, aquilo que eu quero que seja. Portanto o homem está no começo do conhecimento, onde encontra com o objeto a ser conhecido. É relevante perceber que a faculdade do conhecimento, pelo exterior nos é revelado pela essência divina, porém não nos revela diretamente sua potência (objeto), mas é elevado a um grau que possamos produzir essa potência.

Nesse nível só conhecemos os objetos em sua potência. Percebemos que o objeto dos sentidos é um conjunto de qualidades dos sensíveis (os sentidos). E novamente Santo Tomás, vai trazer Aristóteles quando utiliza os três tipos de sensíveis contidos no *De anima*: sensíveis próprios, que são os objetos particulares; sensíveis comuns, que pode ser perceptível por vários sentidos; sensíveis “*per accidens*”, que não é apreendida pelos sentidos mas liga as coisa que as

coisas que são efetivamente sentidas como: “vejo uma mancha colorida: acontece que é um animal; declaro então que vejo um animal.” (GARDEIL, 2013 p. 59)

Compreende que para o conhecimento é necessário ter o objeto como meio das sensações. Percebe-se que o caminho do inteligir passa a ter um início de universalidade, pelo fato da ação sobre o objeto. Então conclui que pelas necessidades das coisas estão interligadas do corpo e alma ao objeto conhecente. Santo Tomás na ST I. Q. 84, art. 1 quando traz o questionamento “Se a alma conhece os corpos pelo intelecto” deixa bem claro que essa alma passa pelos caminhos externos dos sentidos, porque os sentidos estando bem apurados, o intelecto conhecem os corpos (objeto) das concepções imaterial, universal e necessário. Essa forma da coisa conhecida quanto mais tem esse contato pelos sentidos, fica mais fácil a abstração pelos sentidos. O nosso intelecto é como uma tabula onde nada está escrito.

2.2.2 Os Sentidos Internos

Nos sentidos internos, recebe as percepções que são extraídas dos externos, e são imediatamente produzidas pelos objetos. Assim, ele classifica em quatro tipos: o comum, a imaginação, memória, estimativa e cognitiva. Sendo que cada um tem suas funções respectivamente reproduzir, armazenar, associar, imaginar e conservar. Aqui se percebe o salto de diferença entre o homem e o animal, pois o homem faz ao passo de uma certa comparação e o animal age por instinto.

Então a recuperação das formas é destinada ao sentido próprio e comum. Porém essa retenção e conservação também está na fantasia ou imaginação, como diz Santo Agostinho (1984) no livro das *Confissões* que “a memória é um tesouro”, por isso a fantasia e a imaginação é uma forma na qual recebida nos sentidos internos. E evidencia a importância da lembrança memorativa que resulta no saber nocivo ou inconveniente ao conhecimento. Importante perceber que a virtude estimativa está tanto para o homem, quanto para o animal porque é percebida na natureza. E o algo a mais do ser humano é a cognitiva que é realizada na razão particular. Se percebermos a importância da memória, tanto pelas vias naturais ou pela razão intelectual, é que acontece a reminiscência dos objetos conhecidos ou conhecente.

Assim tudo isso, ele chama de primeiro nível que funciona com formas particulares e concretas. Porém, se esse nível não estiver profundamente apurado não conseguirá passar para o intelecto porque ele depende deste nível. Ou seja, o intelecto irá ver as coisas em sua natureza, mas são os sentidos que irá exercer sua atividade primeira.

2.2.2.1 *Sentido Próprio*

Este sentido é o resultado da ação sobre o objeto particular, logo perpassa sobre os nossos cinco sentidos. O sentido próprio é a capacidade ou potência que cada sentido tem por receber ou captar os objetos impactados. Cada sentido é influenciado de modo imediato, através das espécies (objeto) como, por exemplo, da cor, ou do som e até mesmo do cheiro. Tudo é captado de forma imaterial e levado aos sentidos cada vez que age sobre o particular. A sensação na hierarquia dos sentidos é a sensação do quente e do frio, do seco e do úmido, o objeto do tato, pois se dá a partir da experiência com a matéria. Assim Santo Tomás acrescenta que a observação dos sentidos dispõe evitando assim uma possível alteração nos sentidos corpóreos do homem. Com tudo isso é perceptível que essa capacidade e suas funcionalidades são universais.

O sentido do tato é genericamente, um; mas, especificamente se divide em muitos sentidos e por isso, diz respeito às contrariedades diversas. Como estas, porém, não se separam, originalmente, umas das outras, mas aplicam-se ao corpo todo, por isso a distinção delas não aparece (ST I, Q.78, art.3, ad.3).

Se tratando de alguém que porte alguma deficiência, seja ela visual ou auditiva, de fato não poderá inteligir de forma tão perfeita, embora mesmo assim portaria o conhecimento pela experiência de algum sentido que lhe seja sensível. “O sentido da visão, porém, que não precisa de nenhuma mutação natural do órgão e do objeto é, dentre todos os sentidos, o mais espiritual, perfeito e comum; em seguida, vem o sentido da audição” (ST I, Q.78, art.3). A partir desta condição própria do humano, os sentidos captam a informação obtida e armazenam em outra faculdade intelectual. Então até esse ponto o animal pode exercer por causa dos instintos. Depois de o sentido particular perceber exclusivamente as imagens dos seus objetos próprios, ele se torna capaz de fazer determinadas distinções, e para tal é necessária outra dimensão dos sentidos externos chamados de conhecimentos do sentido comum.

2.2.2.2 *Sentido Comum*

É o resultado do ato provocado pelo objeto sobre mais de um sentido ao mesmo tempo, ou seja, o que é captado por mais de um sentido ao mesmo tempo. Como diz Gardeil (2013) “o *sensus communis*” não só tem consciência das atividades de cada um dos sentidos, mas ainda

as aproxima e compara (...). Todas as apreensões dos sentidos são percebidas pelas suas ações, por exemplo, “alguém vê” por isso não só pode dar-se pelo sentido próprio, onde se conhece o sensível na qual causou a transformação, porém essa transformação se dá através de outra no sentido comum. É dentre as informações resultantes de tais ações dos objetos os sentidos comuns, Santo Tomás aponta as noções de tamanho, figura, humano, movimento e repouso, que reduz tudo a quantidade.

O sentido comum serve para julgar os objetos em relação aos diversos sentidos e por isso essa potência é superior aos cinco sentidos particulares. Sua função é notar as impressões no ato da experiência. Quando o homem passa pela experiência de alguma coisa, outra faculdade é imediatamente acionada. Uma vez desperta, a coisa pode ser representada, sendo trazida no presente como imaterial através do intelecto e tal se faz a necessidade de outra potência que corresponde ao segundo grau do processo do conhecimento do homem, para se alcançar a abstração. Santo Tomás entende que o sentido comum funciona como um sentido que está entre os externos e internos, e onde começa o processo do intelecto. Logo esse sentido comum tem sua função de comparar e julgar, portanto,

As espécies recebidas pelos sentidos próprios e pelo sentido comum têm de ser conservadas; pois, a par da apreensão das coisas sensíveis presentes, o ser sensitivo necessita percebê-las também quando ausentes. Donde a necessidade de outra faculdade, capaz de reter com sua força representativa, as imagens das coisas sensíveis. Ao que parece, está “imaginação” deve ser entendida como uma espécie de memória passiva. (GILSON, 2000, p. 472)

2.2.2.3 *Memória, caminho ao intelecto*

É o último dos sentidos, tem sua função precisa, e é responsável pela reprodução das impressões sensíveis. Quando dizemos que alguém se lembra de algo é porque faz remissão ao passado, por exemplo: encontrei com algo e me lembrei de como conheci. Apresenta-me este acontecimento desta situação. Nota-se que quando Gardeil vai dizer,

A apreensão do movimento é de modo imediato, uma percepção sensível e é nesta que se funda o conhecimento do tempo. A ordem temporal dos fenômenos assim apreendidos inscreve-se na memória que é, por isso, capaz de reproduzi-la. Basta que um destes fenômenos se lhe apresente, e estará em condição de situá-lo temporalmente com relação aos outros. (GARDEIL, 2013, p. 74)

A memória é um tesouro, tudo que pensamos, qualquer objeto grande ou pequeno, onde os sentidos atingiram. Neste mundo onde estou diante das imagens que quero apresentar imediatamente, e outras demoram um pouco mais até serem extraídas. Essas imagens aparecem com certa facilidade no momento que necessito e elas permanecem lá (memória) para quando precisar novamente. Santo Agostinho no livro das *Confissões* afirma que:

Lá se conservam distintas e classificadas todas as sensações que entram isoladamente pela sua porta. Por exemplo, a luz, as cores e as formas dos corpos penetram pelos olhos; todas as espécies de sons, pelos ouvidos; todos os cheiros, pelo nariz; todos os sabores pela boca. Enfim, pelo tato entra tudo o que é duro, mole, quente, frio, brando ou áspero, pesado ou leve, tanto extrínseco como intrínseco ao corpo. (AGOSTINHO, 1984, p.177)

E no outro ponto,

Que digam, se podem, por onde entraram em mim. Percorrendo todas as portas do corpo, não consigo saber por qual entraram. Os olhos dizem: “Se eram coloridas, fomos nós que anunciamos”. Replicam os ouvidos: “Ressoaram, foram por nós comunicadas”. Declara o olfato: “Se tinham cheiro, passaram por mim”. Afirma ainda o sentido do gosto: “Se não tinham sabor, nada me perguntes”. E o tato: “Se não eram sensíveis, não as apalpei; e se as não apalpei, não as pude indicar” (AGOSTINHO, 1984, p.179)

Portanto, para Santo Tomás esse caminho ao intelecto humano se dá pela sua memória. Porém, afirma que pela virtude, a alma é formada também pelo corpo, é próprio desse conhecimento da forma existente na matéria. Conhecemos aquilo que existe materialmente e que se deixa conhecer. A necessidade de abstrair a forma pelos fantasmas, é necessário que o nosso intelecto entenda as coisas materiais.

Percebe-se que nesse lugar (memória) tem uma variedade de portas, na qual essas impressões são geradas sem nenhuma confusão. Em todos os momentos o homem irá recorrer a sua memória; é como estivesse escondido “bem guardada”, e quando precisássemos era facilmente retirada e apresentada a nós. Nesse vasto palácio da memória se encontra tudo que tivemos contatos. Recordando de todas as ações, tempo, lugar, sentimentos e principalmente o próprio ser. É muito visível esta potência que é própria do ser humano. Dentro de si é capaz de brotar imagens que gerada e captada pelos sentidos vai aperfeiçoando para o conhecimento.

O intelecto humano é a junção alma e corpo. Por onde é natural essa forma de conhecer. Logo a coisa se dá a conhecer o que é conhecido. Assim como viventes da terra, nós a conhecemos, pois participamos dela. Como afirma o Aquinate (ST I, Q.85, art.2) “Se, portanto,

tomamos a espécie terra, pela terra, conforme a doutrina de Aristóteles, que diz que a pedra não está na alma, mas sim a espécie pedra, daí resulta que a alma, pelas espécies inteligíveis, conhece as coisas que lhes são exteriores”. O ponto de partida do conhecimento intelectual, tem seu princípio no sensitivo. Sendo que o sentido é singular e o intelecto é universal. Sempre o intelecto procederá da potência para o ato.

Este intelecto conhece, compondo, dividindo e raciocinado, ao passo que essas imagens captadas pelos sentidos vão chegando à memória. Pois o próprio intelecto é a quiddidade das coisas materiais que estão no alcance deste sentido e da imaginação. É necessário esse compor, dividir e raciocinar porque segundo Santo Tomás nossos sentidos podem nos enganar por causa dos acidentes. Por isso o papel da memória nos sentidos antes do intelecto.

No próximo capítulo percorremos como o nosso intelecto faz a compreensão dos objetos. Pois como vimos o temos uma união do nosso corpo (sentidos) com a nossa alma (inteligidos), assim a porta de entrada é os sentidos e que manda para o nosso intelecto as informações captadas. Por tanto encontraremos o que Santo Tomás vai chamar de intelecto do homem que contém a graça de ser iluminado por um intelecto superior. Veremos níveis de abstrações em suas potências, pois o homem tem a capacidade de gerir, fazer um exercício da mente, para chegar a em sua essência do conhecimento.

3 CAPÍTULO II - INTELECÇÃO DAS COISAS CORPÓREAS

Compreendemos que o conhecimento se inicia por meio dos sentidos. A intelecção dos objetos por meio da sensação do particular, gerará uma forma do inteligir no intelecto universal. O próprio intelecto que participa dos sentidos fará essa “ponte” entre o particular ao universal e por isso Santo Tomás vai afirmar que “a alma, pelo intelecto, conhece o corpo por um conhecimento imaterial, universal e necessário (ST I, Q.84, art.1)”. Por isso a necessidade da junção desse corpo (sensível) com a alma (inteligível) e a importância do contato com o mundo ao conhecimento. Logo a razão deste ato do conhecimento se dará deste impacto com o conhecido, pois “nós conhecemos também aquilo que está fora de nós (ST I, Q.84, art.1)”. Quanto mais imaterialmente for a forma conhecida, mais perfeitamente conheceremos. Por isso o intelecto abstrai da espécie a imagem, que também pelas vias matérias (sentidos) se dá uma forma mais concreta do objeto.

Desse modo o Doutor rechaça que Deus tem a essência das coisas imaterialmente, pois ele nos dá a conhecer todas as coisas, mas esse conhecimento do homem vai até o processo em ato, como dizem as escrituras no Salmo 4,6-7: “*Muitos dizem: quem nos patenteará os bens? A cuja pergunta o Salmista dá a seguinte resposta: Gravada está sobre nós, Senhor, a luz do teu rosto;*” Como se dissesse: pela mesma luz divina, em todos nós todas as coisas são reveladas. Então essa iluminação sobre nós, fazemos participação no mundo que se dá a conhecer através das espécies inteligíveis que derivam das coisas. Compreendemos pelos sentidos e pela imaginação (fantasma), com isso inteligimos em ato o objeto que por fim se dará conhecer a natureza universal existente no particular. Assim inteligimos a verdade sobre o objeto, porque procuramos essa realidade. Logo, Deus, que nos revela por meio da iluminação nas coisas corpóreas, com esse auxílio nos fantasmas, mesmo os objetos não tendo esses fantasmas somos capazes de chegar a conhecer por meio da razão.

Somos atraídos pelos objetos do conhecimento enquanto a vontade interessar a vida da razão. Ou seja, o valor que a realidade conhecida nos interessa.

O valor do objeto conhecido, portanto, segundo a posição e o temperamento do homem, toca-o de modo a provocar aquela emoção que identificando com a palavra “sentimento”. O sentimento é, portanto, o inevitável estado de ânimo consecutivo ao conhecimento de qualquer coisa que atravessa ou penetra o horizonte da nossa experiência. (GIUSSANI, 1993, p. 50)

Por isso, Giussani vai afirmar que esse homem o qual Santo Tomás diz que iluminado por Deus, que é uno e pela razão pode chegar a toda essa unidade do próprio Ser estando em ordem. Percebemos que o intelecto humano, ocupa uma posição intermediária, pois não é ato do órgão, mas é uma virtude dessa alma corpórea. Nota que é próprio deste corpo conhecer a forma, que existe na matéria conhecida. Portanto, conhecer e abstrair é a forma deste corpo chegar à matéria. Necessário então que o nosso intelecto entenda a matéria que é abstraída dos “fantasmas” apresentados pelos sentidos.

Os fantasmas são iluminados pelo intelecto agente; e, depois por virtude desse mesmo intelecto, as espécies inteligíveis são abstraídas deles. São, pois iluminados, porque, assim como a parte sensitiva, pela união com a intelectiva, torna-se de maior virtude. (ST I, Q.85, art.1, ad.4)

Conclui que esse intelecto que olha para si mesmo, no seu entender e esse modo que age sobre o objeto, na relação em que acontece essa troca de informação.

São Tomás vai considerar que os pilares mais sólidos ao conhecimento humano é a parte intelectiva que contém seu princípio no sensitivo, que por ele conhecemos o singular e o universal; e o outro é a certeza que só procedemos da potência para o ato. Contudo, a razão humana se manifesta na potência para conhecer o conhecido. Capaz de fazer a distinção do que está em potência e daquilo que está para o ato. Interessante que na *Suma* I, Q.85, art.4, vai trazer que o nosso intelecto age simultaneamente nas coisas no aspecto da unidade, mas, não sobre a multiplicidade das coisas. Por exemplo: temos uma caneta e um lápis, para o filósofo, não iremos conhecer a fundo os dois ao mesmo tempo porque são de espécie diferente e o nosso intelecto não irá entender; agora se tivermos duas canetas ou dois lápis, para ele podemos entender porque é a mesma espécie, resultante da mesma forma e elas podem ser entendidas simultaneamente. Logo, trás o exemplo de “Deus que vê tudo simultaneamente porque tudo vê pela unidade da sua essência” (ST I, Q.85, art.4). Frisando que o intelecto entende (conhece) diversas espécies, porém, não tudo ao mesmo tempo, afirma ele:

É impossível o mesmo sujeito ser simultaneamente perfeito por várias formas de um mesmo gênero de diversas espécies; assim como é impossível um mesmo corpo colorido sob o mesmo ponto de vista, por diversas cores ou figurado por diversas figuras. (ST I, Q.85, art.4)

Este intelecto humano conhece compondo, dividindo e raciocinando. Pelo “salto” de qualidade a essência (quididade), o próprio intelecto humano é essa essência da coisa material e que está ao alcance do sentido e da imaginação. A divergência em entender em multiplicidade pode advir dos sentidos que podem nos enganar em relação aos sensíveis. Se analisarmos dois

objetos distintamente e comparar poderemos nos enganar no fator essência, como tamanho ou cor. Portanto cada potência tem o seu próprio objeto. Então esse *quid* da inteligência nas coisas sobre o particular, resulta numa qualidade do conhecer, logo, compor, dividir e raciocinar será essencial.

3.1 CONHECIMENTO INTELECTIVO

Após o conhecimento sensitivo, o Aquinatense diz que o homem avança pelo nível do conhecimento adentrando na vida intelectual. Percebemos o caminho de algumas percepções do homem junto ao grau inferior com os animais. É nesse caminho intelectual do homem, que é próprio fazer o ato de inteligência. Necessário perceber que Santo Tomás sempre vai frisar que a inteligência age com o objeto universal e o sentido sempre agirá no singular. Gardeil (2013) vai trazer uma expressão que diz “*intellectus est universalism, sensus est particularium*” e reafirma “o que vejo com meus olhos é esta planta determinada e particular, mas minha inteligência começa a forma para si a noção geral da Planta” (p.84). Esse sentido que é elevado ao intelecto dá um grande passo que é dado à verdadeira causa eficiente. A qual será extraída das experiências sensíveis e de cunho particular. Santo Tomás deixa entender que a convicção da preexistência do objeto e sua forma da ideia foram iluminadas no nosso intelecto pela via da luz natural.

Essa ideia do conhecimento é uma abertura na relação com esse outro que está na obra dos conjuntos exteriores. Então essa alma está sempre para todos os sensíveis e os inteligíveis, na sua capacidade de assemelhar e testemunhar os seres conhecedores. A entrada do objeto no inteligível significa que o objeto vai está em ato. Isso se dá porque, para ele o objeto inicialmente (matéria e forma) passa pelos sentidos em potência, para chegar nos inteligíveis em ato (essência do objeto). Assim, esse caminho da alma que unida ao corpo, conhece as realidades corporais. Então, essa união resulta numa comunicação do inteligível com as inteligências superiores e essas inteligências comunicam com o nosso intelecto agente e o intelecto possível.

O corpo é como se fosse o ponto de partida ao conhecimento que recebemos da “inteligência superior” e o nosso intelecto essa ligação. Quando Aristóteles (2001) declara na *Ética a Nicômaco* (p. 207) “de modo que, se percebemos, percebemos que percebemos, e, se pensamos, percebemos que pensamos; e se perceber que percebemos ou pensamos é perceber que existimos”. Percebe-se essa importância da união do corpo, alma e a luz divina. A busca do homem de conhecer a verdade das coisas. Nossa inteligência é estritamente limitada, porém

nossa alma tem uma abertura ilimitada. Como vemos que a experiência com o objeto em potência, traz ao homem a oportunidade de maior compreensão.

3.1.1 Potência Do Intelecto

Essa potência do intelecto contém dois “motores” que são nomeados de intelecto agente e intelecto possível. Importante frisar que estão interligados os sentidos externos e internos, ou seja, vimos que os externos são captados e julgados no primeiro momento, mas cabe ao intelecto extrair (o que Santo Tomás chama de “*quid*”). Esse *quid* ou *quidditas* é o objeto em sua essência, pois ainda que os sentidos percebam os acidentes exteriores, à inteligência vai até o ser da coisa.

Conhecer a forma, existente verdadeiramente na matéria corporal, mas não enquanto está em tal matéria. Ora, conhecer aquilo que está na matéria individual, mas não enquanto está em tal matéria, é abstrair a forma da matéria individual que as imagens representam. (GARDEIL, 2013, p. 101)

Então essa quiddidade pode ser considerada universal, pela sua potência e essência naquele objeto. Pois é necessário cumprir todas as passagens do modo determinado para poder estar seguro em avançar, “o intelecto humano, unido ao corpo tem como objeto próprio a quiddidade ou natureza existente nas coisas corpóreas que ele abstrai dos fantasmas por veredas dos seus dois momentos” (AQUINO apud COSTA, 2011, p. 7).

O conhecimento intelectual tem como base o sensível que é a matéria da causa. O grande passo à verdadeira causa eficiente de onde será extraído os fantasmas da experiência sensível e universal. Portanto ele irá trazer duas potências que são: o intelecto agente, responsável por extrair a natureza universal dos fantasmas em potência e conduzir ao intelecto possível, pois ele pega essa (*quid*) essência dos fantasmas e transforma em universais; e o intelecto possível que é essencial na medida em que o intelecto agente só extrai a natureza universal. Então esse agente (modo) recebe em ato as informações, logo o intelecto possível irá concluir o processo do conhecimento.

3.1.1.1 *Intelecto Agente*

Este intelecto sempre estará em potência pura. Pois para entrar em atividade é necessário que receba as ideias das experiências com o sensível, que é iluminado os fantasmas pela memória, para tornar em ato. Aceitar que essa virtude do intelecto agente abstraia dos fantasmas as espécies das formas materiais.

Então pela razão é necessário para este intelecto agente entender a necessidade de sempre está iluminado para ver. O intelecto se encarregará de tirar dos sensíveis (particular) elevando aos inteligíveis (universal). Essa relação se dará quando este intelecto (agente) recebe as informações da memória.

Nesse caminho esse intelecto tem a necessidade de mover para ato o que foi passado pelos sentidos. As formas existentes na matéria não são inteligíveis em ato, resulta que as naturezas ou formas das coisas sensíveis, que entendemos, não são inteligíveis em ato. Ora, nada passa da potência para o ato senão por um ser em ato; assim, o sentido torna-se atual pelo sensível atual. (ST I, Q.79, art.3)

O intelecto agente faz parte da alma, por isso é necessário admitir que além dessa alma intelectiva há a existência de um intelecto superior o qual ilumina a alma. Podemos dizer que a alma por ser iluminada será capaz de iluminar os fantasmas e pôr em ato. Segundo as escrituras, o Salmo 4,7 diz: *“Gravada está, Senhor, sobre nós a luz do teu rosto”*, percebemos a participação do intelecto superior sobre o homem e que nada impede dessa participação ao intelecto.

Essa função do intelecto contribui para uma compreensão universal, já que é seu exercício. Segundo Santo Tomás, o princípio inteligível é uma ação e consequência ontológica do ser humano. Pois o intelecto agente se dá à comunicação pela função, o princípio da sua essência (quid). O intelecto agente é eminentemente ativo em extrair a natureza das coisas e atualizá-las em ato e imprimi-las para o intelecto possível, que é uma função totalmente imaterial, mas já em ato que estará em forma universal. Como sempre afirma o filósofo que este caminho deve estar em potência para o ato.

Assim, considera-se que tais inteligíveis, para serem conhecidos, passam por um processo de abstração na condição material, para que assim possam ser conhecidos. Essa luz superior facilita uma explicação (iluminação) entre o inteligível e o sensível. *“Sendo a essência da alma, criada pelo intelecto supremo, imaterial, nada impede que a virtude, participada desse intelecto e pela qual ela abstrai da matéria, proceda da sobredita essência do mesmo que as*

outras potências suas” (ST I, Q.79, art.4, ad.5). Como confirma Etienne Gilson na resposta que Santo Tomás dá na objeção:

É fácil ver que tais forma; existente na matéria, não são imediatamente acessíveis ao espírito por não serem inteligíveis são em seus aspecto imaterial; pelo que precisam ser levadas à imaterialidade e à inteligibilidade. Logo é necessário atribuir ao intelecto humano também um princípio ativo, que atualizem numa apreensão espiritual atual, os elementos inteligíveis potencialmente contidos nas coisas sensíveis; tal é a função do intelecto agente. (GILSON, 2000, p. 473)

Iluminar os fantasmas, função do intelecto agente. Isto através das condições particulares, aquilo que na junção do corpo com a alma, atração ao conhecimento e tudo que é inerente ao homem conhecer. Por isso que o Doutor vai dizer que no próximo nível o intelecto possível irá atualizar todos os fantasmas. É como se fosse um círculo o modo do conhecimento humano, pois está tudo conectado.

3.1.1.2 *Intelecto Possível*

O homem sempre está apto a conhecer através da realidade. A potência intelectual do homem está para o seu exercício total, precisa passar de potência ao ato, e a partir daí é realizando o movimento para o conhecimento. O intelecto possível é preparado pelo agente, que envia em ato o objeto (coisa em si), para que este possa ser conhecido. Este é o último nível do intelecto que o homem pode chegar a conhecer.

O intelecto possível é o local do conhecimento, o que não significa dizer que nos outros órgãos (sentidos) não conhecemos, mas é de se perceber quando o Aristotélico vai afirmar: “Pois, provendo Deus a todos, segundo a natureza ao homem chegar, pelos sensíveis, aos inteligíveis – pois todo o nosso conhecimento começa pelos sentidos” (ST I, Q.1, art.9). Isso quer dizer, de movimento em movimento; recordando este princípio na recordação pelos fantasmas com o auxílio da memória, esta atualização que Santo Tomás vai trazer:

Alguém sofre, comumente, só porque o que é potencial em relação a alguma causa recebe aquilo em relação ao que era potencial, sem ser privado de nada. E, deste modo, diz-se que sofre tudo o que passa da potência para o ato, mesmo quando se aperfeiçoa; Assim, o nosso inteligir é sofrer. (ST I, Q.79, art.2)

Então esse sofrer vai significar essa passagem sob a ação, desta potência ao ato, gerando um aperfeiçoamento. O intelecto inicialmente recebe esse material como na forma e passando ao

sentido imaterial, ou seja, passamos a conhecer na forma objetiva ou intencional, conforme nosso intelecto vai atualizando.

Trabalho conjunto dos intelectos, a partir dos fantasmas, essa ação tem por consequência o ato do conhecimento que o homem é capaz de produzir. Portanto, ele (intelecto) passa a estar como hábito que em sucessivas vezes recorrerá à memória intelectual para obter esse retorno das imagens. Assim, a inteligência retoma a sua imagem naquilo que Santo Tomás chama de “*convertendo se ad phantasmata*”. É como se estivéssemos sempre a voltar a observar as nossas imagens intuitivas. Porque o objeto próprio do intelecto humano está unido ao corpo, pelo fato da essência existir nas coisas materiais, a natureza das coisas sensíveis é elevada ao “suprassensível”. Ou seja, essa dependência do particular com o sensível. Por isso é necessário que os sentidos estejam bem apurados.

O conhecimento intelectual tem como base o sensível, ou seja, ele (o conhecimento sensível) é a matéria da causa do conhecimento. O sensível é elevado ao intelecto onde dá um grande passo que é dado à verdadeira causa eficiente. Onde irão ser extraídos os fantasmas da experiência sensível de cunho universal, “a natureza da pedra, ou de qualquer coisa material, não se pode ser conhecida completamente e na verdade” (GARDEIL, 2013, p.133)”. O conhecimento se dá a partir do juízo que é feito sobre o objeto. A partir disso o intelecto humano vira uma intelecção, e se pode dizer que há o conhecimento real da coisa.

3.2 INTELECTO HUMANO

A palavra intelecto vem do latim *intellectus* que quer dizer “ler por dentro”. O intelecto é uma potência da alma e o meio que ela tem do conhecimento de si e do externo. Considerada por Santo Tomás o elemento mais nobre que o homem possui. É importante entender que o intelecto se difere de inteligência, pois o intelecto é uma faculdade, o que significa o ato e o exercício desta forma chamada inteligência, portanto o homem “inteligente” quer dizer que ele está fazendo o movimento da faculdade intelecto. Como afirma o tomista:

“É necessário admitir-se, conforme o que já ficou estabelecido, que o intelecto é uma potência da alma e não essência dela mesma. Pois, o princípio imediato de operação é a essência dela mesma do operante só quanto à operação mesma e ser deste. Portanto, do mesmo modo que a potência está para a operação, como para o seu ato, assim também está a essência para o ser. [...] Ao passo que em todas as criaturas inteligentes, o intelecto é uma potência do inteligente”. (ST I, Q.79, art.1)

Percebemos que a intelecção não é uma coisa externa que se encontra modificada, mas sim o próprio ser que é capaz de modificar. Então esse ser gera a situação de intelecção no inteligir o conhecimento até seu fim último.

A intelecção se apresenta como a ação, porém, esta ação tem como inclinação a paixão (conhecer), ou seja, só há intelecção quando estamos dispostos a conhecer. Portanto, há de pertencer à disposição do próprio sujeito em conhecer o objeto. Quando se trata de inteligência, automaticamente fala-se de razão ou ato de raciocinar. Ela (razão) é capaz de apreender as coisas em sua ausência ou presença (objeto) e esse objeto é conhecido pela inteligência, o ser (essência) separado da matéria

O homem, por excelência do intelecto, é superior aos animais. Os animais são incapazes de atingir o conhecimento da verdade que é a razão pela essência do objeto. É comum no homem, no seu exercício do intelecto, o ato de duvidar e questionar. A partir das potencialidades que a alma dispõe juntamente com as disposições do corpo, ainda há quem pergunte ao homem se o um intelecto teria capacidade maior que um outro intelecto para inteligir. Compreende o filósofo que diz:

De dois modos pode-se conceber que alguém inteliça uma mesma coisa, mais que outrem. De modo tal que mais determine o ato de inteligir em relação à coisa inteligida. E, então, um não pode inteligir uma mesma coisa mais que outro; porque se intelissem a coisa diferentemente do que ela é, melhor ou pior, enganar-se-ia e não inteligiria, como argumenta Agostinho. De outro modo, pode-se conceber que mais determine o ato de inteligir, por parte de quem inteliça. E, então, um pode inteligir a mesma coisa melhor que outro, porque tem melhor virtude no inteligir, assim como vê melhor uma coisa, pela visão corpórea, quem é dotado de virtude mais perfeita e que tem mais perfeita a virtude visiva. (ST I, Q.85, art.7)

Dentro desses modos o intelecto pode agir de duas formas, onde uma é facilmente advinda da potencialidade do intelecto ser mais perfeita, e quanto mais desenvolvido for o corpo, mais perfeita é a alma. Isto ainda pode ser explicado pela razão, onde a forma como é recebido na matéria de acordo com a capacidade própria (potência). A outra através dos inteligíveis, onde o intelecto é necessário fazer esta operação. Para Santo Tomás o homem é capaz de criar a sua própria intelecção, mas só Deus é perfeitamente inteligível por si mesmo e pode compreender de modo instantâneo o ato de entender sua essência.

Essa inteligência divina está sempre a nos iluminar, principalmente quando ilumina a inteligência humana, pois ela (inteligência humana) estará sempre da potência para ato. A inteligência humana é a essência do objeto em ato que é abstraído pelo sensível. O processo do

conhecimento humano faz essa acepção pura da essência “até onde o homem é capaz de ir”. Por isso que através da prática ele poderá distinguir em primeiro ato alguns objetos.

Pela necessidade de sempre ir através do sentido particular e da imaginação, essa objetividade há de voltar sempre aos fantasmas para chegar à natureza universal que existe no particular. Conclui-se que o intelecto humano não pode haver falhas, pois se houver exprimido de forma errada a essência da coisa (objeto), não se concluirá o trabalho, possivelmente de uma comparação ou diferenciação a exemplo citado acima do homem e do animal. Então, o erro poderá afetar no conhecimento das coisas. Portanto, a fórmula dada por Santo Tomás para não deixar equívocos na “*indivisilium intelligentia*”, segundo a ordem é: da união do corpo e alma, passando pelos sentidos, no caminho da memória e da imaginação (fantasmas), caminhando ao intelecto e que tudo isso é iluminado pela inteligência superior.

O Aquinate sempre vai deixar claro que há um grande “espaço” entre a inteligência divina e a humana, pois a divina é por excelência pura essência e a humana necessita de um modo que é compor, dividir e raciocinar, todo caminho para não gerar erro. Essa necessidade desse processo compor, dividir e raciocinar demonstra que a inteligência humana não atinge o perfeito conhecimento das coisas:

O intelecto humano entende compondo e dividindo, necessariamente. Pois, como sai da potência para o ato, tem certa semelhança com as coisas geradas, que não têm a sua perfeição imediatamente, mas a adquirem sucessivamente. Semelhantemente, o intelecto humano não adquire, imediatamente, pela primeira apreensão, conhecimento completo da coisa; mas, primeiro, apreende-lhe algo, por exemplo, a quiddidade, que é o objeto primeiro e próprio do intelecto; e em seguida, entende as propriedades, os acidentes, e as relações circunstanciais à essência da coisa. E então, o intelecto há de, necessariamente, compor uma coisa apreendida, com outra, ou dividi-las, e de uma composição e divisão passar para outra, o que é raciocinar. (ST I, Q.85, art.5)

A capacidade de conhecer se dá na receptividade ou na passividade sobre o impacto com as coisas exteriores. E com tudo isso nos inquieta se não seria a inteligência o princípio de todo conhecimento? Se não seria a inteligência a tomar essa iniciativa da abstração dos fantasmas? Em tudo isso, seria importante perceber que o espírito não apenas reconstruiu a realidade, mas é o que dá o sentido do conhecimento para si de um mundo. Portanto a inteligência seria como essa potência a essa atividade.

Analisando que essa inteligência é uma ligação com o sentido superior que está a sempre nos iluminar. Para a inteligência compreender é preciso estar no ser. Tudo que está ao redor de mudança na vida, no pensamento, encontrado no repouso ou terminal da atividade

(objeto), o homem sempre terá essa inclinação ao conhecimento. A concepção do conhecimento tomista é especialmente voltada ao que pertence a esses graus do processo estruturado que não anula e nem se cansa de "ir" ou "voltar" nesse processo.

Compreender a nossa inteligência criada (concepção do mundo), é fato ímpar do ser humano, porém o homem não conheceu a inteligência de Deus. Não é possível atingir esse conhecimento sobre Deus, pois somos imperfeitos. Segundo Santo Tomás, Deus nos ilumina quando damos abertura e geramos essa inclinação em perspectiva. Portanto, por sermos livres, obtemos vontade para essa busca da verdade.

Em todo caminho percorrido, a compreensão de que os inteligidos recebe a graça dessa iluminação. Santo Tomás vai nos sinalizar que o nosso conhecimento parte dessa busca da vontade e liberdade. Assim o Capítulo III percorrerá um caminho “meio” que num caminho de dúvida. Por que o homem tem o hábito e a vontade como parceira de caminhada, porém a busca pela verdade meio que dará um “norte” para a conclusão final. Lá encontraremos alguns acidentes e que resultará em algumas falsidades. Mas a verdade sempre se sobressairá perante todo o erro. Como diz o Evangelista João: “Conhecereis a verdade e ela vos libertará” (Jo, 8,32). Assim a busca por essa verdade norteará todo capítulo do nosso caminho ao conhecimento.

4 CAPÍTULO III - O CAMINHO DA ALMA AO CONHECIMENTO

Sempre iremos ter como base e princípio da vida a alma. Uma afirmação de que a alma é a forma do corpo, por isso estão unidas. Portanto como o ser vivo é único em sua forma particular, a alma é e somente única ao ser.

Quando Aristóteles deu a definição de alma e corpo, afirmou que não havia nada de errado, mas disse que poderia aparecer uma dificuldade espiritual como a sensação. A alma é capaz de receber a forma em potência; assim como o perceptível está para os objetos, de modo que o intelecto está para os inteligíveis. O intelecto da alma racional e supõe que:

Por isso, é razoável que tampouco ele seja misturado com o corpo, do contrário se tornaria alguma qualidade – ou quente ou fria – e haveria um órgão, tal como há para a parte perspectiva, mas efetivamente não há nenhum órgão. É, na verdade, dizem bem aqueles que afirmam que a alma é o lugar das formas. Só que não é a alma inteira, mas a parte intelectual e nem formas em atualidade, e sim em potência. (ARISTÓTELES, 2006, p.114)

É evidente que os órgãos sensoriais da percepção ele não é capaz de perceber o objeto por completo. Mas o intelecto, que pensa inteligivelmente pensará muito melhor. E afirma Aristóteles novamente “que o intelecto é de certa maneira em potência os objetos inteligíveis, mas antes de pensar nada é em atualidade em potência assim como uma tábua em que nada subsiste atualmente escrito, e é precisamente isto o que ocorre no caso do intelecto” (ARISTÓTELES, 2006, p.114). A natureza da alma se manifesta pelas suas percepções. Dentre essas percepções o homem por natureza o inteligir. Assim o homem age por dois modos de inteligência, a natureza corpórea que ocorre na apreensão da faculdade superior do conhecimento, e que não se impõe (demanda) a determinação na natureza do objeto. E isso o Aristotélico exprime perfeitamente na *Suma*

Pois é manifesto, pela inteligência do homem pode conhecer a natureza de todos os corpos. Ora o que pode conhecer certas causas necessariamente não deve ter nada delas, na sua natureza, porque a causa que a esta fosse naturalmente inerente impedir-lhe-ia o conhecimento das outras. Assim, vemos que a língua do doente, afeta de humor colérico e amargo, nada pode sentir de doce, mas tudo lhe parece amargo. Se, pois, o princípio intelectual tivesse em si a natureza de algum corpo, não poderia conhecer todos os corpos tem a sua natureza determinada. (ST I, Q.75, art.2)

O outro modo e de como entendemos o objeto no modo abstrato e universal, assim independentemente como vem à matéria (objeto). Portanto, a maneira do ponto de vista na operação sobre o objeto, pelas condições do intelecto proposta.

4.1 O INTELECTO COM A ALMA SUPERIOR

Sabemos que o método usado por Santo Tomás ao conhecimento é que o homem pela luz natural da razão e pelas criaturas se conecta a Deus (alma superior). A luz divina, que excede o intelecto humano, revela o conhecimento através do intelecto supremo. Por isso que a filosofia vai enaltecer a razão humana.

O conhecimento natural do homem sobre Deus é o ponto máximo. Essa imperfeição acaba gerando esse amor e mais desejada de qualquer outro conhecimento. Isso porque, Deus com sua sabedoria, fez as criaturas e deu a razão natural para o nosso conhecimento. Portanto, recebemos essa luz (Deus) que por sua sabedoria nos dotou da natureza humana com os princípios da razão. E é a base para o nosso conhecimento natural. É nessa busca das verdades que são alcançadas pela razão natural e que vai ser atribuída a Deus.

Percebemos que a nossa experiência, está presente na relação natural com a natureza criada. Por isso Santo Tomás vai dizer que é necessário voltar aos fantasmas. Essa união do intelecto conosco compreende essa ligação que temos em nós e o mundo, e nós com o intelecto supremo.

... Mas só pela sua luz, enquanto está é participada pelas coisas inteligidas especuladas... De modo que, quando vemos as cores iluminadas pelo sol, não se une conosco a substância sol, para que possamos fazer as ações deste, mas somente, a luz do sol para podermos ver as cores. (ST I, Q.88, art.1)

Assim o nosso inteligível especulado torna-se como uma perfeição para o super perfeito que é o ato. Quanto mais recebemos informações, mais nos aproximamos da especulação que o intelecto agente recebe do superior. Logo, conheceremos todos os seres materiais como imateriais, com isso o intelecto irá abstrair novamente outros objetos.

O intelecto humano não pode entender a substância criada, pois ele precisa ser iluminado para chegar ao conhecimento. Deus é o criador das coisas postas no mundo, então ele que faz chegar por meio dessa conexão. São Paulo na carta aos Romanos 1,20 vai dizer que “as coisas invisíveis de Deus vêm-se, consideradas pelas coisas que foram feitas”. Portanto o homem

conhece não a substância, mas o quid do objeto. Percebemos que a luz da verdade que inteligirmos sempre estará compondo e dividindo, que ao nosso intelecto natural conhecente que tem a concepção desta verdade que é iluminada. Isso Santo Tomás “carimba” as coisas são conhecidas, porque Deus ilumina o homem e ainda afirma, mesmo que Deus não seja o primeiro conhecido, mas pela nossa virtude cognoscitiva do homem terá o sentido como instintivo do conhecer.

Para compreender a alma espiritual do homem, Santo Tomás vai usar um termo chamado “mens” que quer dizer “a alma humana, à medida que a título de espírito, é princípio de suas operações superiores, inteligência e vontade” (GARDEIL, 2013, p.532). Assim o intelecto que é potência dessa alma é designada a alma espiritual na relação com a alma superior. O conhecimento habitual da alma se dá na estrutura do espírito, alma e o “mens” que se faz na imediatez ou presença do objeto inteligível com o sujeito. Então quando foi declarado no livro do Gênesis 1,26 “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” o homem por sua natureza intelectual é imagem de Deus, portanto só pode imitar (receber a luz) daquilo que conseqüentemente ele conhece e ama a si mesmo. Assim compreendemos que os níveis da alma se dão em potência, hábito e atos. A potência é a informação recebida que se transformará; o hábito se dá na disposição que tem da memória, da inteligência e vontade; e o ato, por conseguinte é a junção da potência com o hábito.

4.2 O HABITUS E A VONTADE

O hábito está na relação entre a potência e o ato. Pois o conhecimento pelo ato torna o homem comum ao hábito. Ele próprio irá perceber que o modo de conhecer torna-se comum (natural), pois é conhecido imediatamente o objeto. Torna-se tão conhecido que pelo ato interior em referência do movimento externo do corpo.

O homem não tem um inteligir próprio, nem o seu inteligir é objeto com primeira essência, mas, é algo que está dentro da sua natureza. Como analisa Santo Tomás “por onde, o que primeiramente conhecido pelo intelecto humano é um objeto tal; secundariamente, é conhecido o ato mesmo pelo qual é conhecido o objeto; é, pelo ato, é conhecido o intelecto, em si, cuja perfeição é o inteligir” (ST I, Q.87, art.3). A vontade está no hábito através da razão. Por isso, o ato da vontade é inteligido pelo intelecto. Na finalidade de alguém ter consciência e querer, conhecer a natureza do ato, gerando um ciclo de consequência do hábito, potência e vontade.

A existência de uma vida em hábito e vontade é um fato de ter a experiência. Porém pode trazer dificuldade de reconhecer no início da vida a existência de potências; como os seres que são desprovido de conhecimento que está para a inclinação natural que nomeia de *appetitus naturalis*; a outra é dos seres que tem conhecimento que provém da inclinação natural, mas encontrar uma potência do conhecer.

À vontade e o intelecto andam juntos. Ela se dá porque está sobre o objeto apresentado que satisfaz a necessidade de conhecer. Toda natureza, ela nasce da forma que sempre a acompanha, ou seja, a forma posta a atividade e recebe essa inclinação. O animal conservado na sua natureza recebe da forma intencional ou as imagens dos objetos corpóreos, gerando esse apetite sensível no conhecimento; o homem por sua vez recebe uma forma intelectual, com o apetite e a vontade. Deus que está no ápice do conhecimento imaterial e da espiritualidade, tem uma vontade perfeita, ato puro. Conclui que a verdade do conhecimento é proporcionada “ser inteligente” que busca assimilar os objetos, por excelência terá um apetite espiritual ou vontade. “Fora de Deus, à vontade não pode ser substância, porque, a princípio de operações acidentais, ela deve reproduzir o mesmo gênero que é o seu, isto é, o de acidente. [...] Portanto a vontade procede necessariamente de inteligência” (HUGON, 1998, p.177). Por isso Santo Tomás vai sempre frisar que existe dois tipos de potência do conhecimento: os sentidos e a inteligência, que segundo ele resulta nos gêneros potenciais do apetite no qual a potência sensível deriva do conhecimento sensível e a vontade que é o conhecimento natural. Logo na *Súmula Contra os Gentios livro 4 capítulo 19* diz que:

É preciso estabelecer-se preliminarmente que toda natureza intelectual é dotada de vontade. Com efeito, o intelecto é reduzido a ato enquanto tem intelecção mediante uma forma inteligível, como também uma coisa é reduzida a ato do seu ser natural pela sua própria forma. Ora, a coisa natural, pela forma que completa a sua espécie, tem a inclinação para as suas operações e para o seu fim, que alcança mediante aquelas operações, pois *uma coisa opera tal qual é*, e assim tende para o que lhe convém. Por isso, a inclinação para as operações próprias e para o fim próprio provém da forma inteligível, no inteligente. Ora a inclinação do ser de natureza intelectual é à vontade, que intelege opera em vista do fim, pois o objeto da vontade é o fim e o bem. Logo, em todo ser inteligente deve haver vontade. (AQUINO, 1990, p.746,)

A saída da vontade como inteligência é uma busca do bem universal, que pode obter todos os desejos e suas tendências. Essa vontade será por sua vez dominada pelo objeto maior que ela mesma. O nosso espírito adere aos princípios evidentes à conclusão que derivará também dessa vontade onde ocorrerá ao fim último que é o bem universal. Diante da vontade o homem não pode ficar indiferente, pois é um bem para si. A verdade para a inteligência com as

outras faculdades do objeto, se origina para o homem a existência e a vida. A vontade compreende a relação do homem com o objeto, em relação a seu fim e com os meios, no processo que se dá ao bem universal.

O objeto por excelência quando é amado (inclinado a ser conhecido) ele passa a está unido a inteligência e a vontade. Pois a inteligência pode se dizer “tem a essência” do objeto e a vontade chamada de um “motor” que faz com o Ser ame esse objeto e chegue a seu conhecimento. A experiência do contato em sua variedade de modos, amor, atração do objeto; Santo Tomás classifica como esse homem que é racional. Logo, cada movimento está na dependência de um ato (atração) de conhecer.

Assim a faculdade da vontade agirá até esse fim último e mais perfeito objeto. Colocando em movimento com a vontade a esse fim ou um bem da causa. Sendo que o hábito mais perfeito e puro da caridade, ou seja, o ato verdadeiro da potência. Mesmo que a vontade caminhe sempre junto com a inteligência, ela (inteligência) sempre será superior às vontades, porque quanto mais a coisa (objeto) for simples e abstrata, tanto mais ela é elevada. E mais ainda quando o objeto da inteligência é mais simples, irá sempre fortalecer a vontade. Pois “quanto mais o modo de um objeto imaterial mais ele é atual e perfeito, e mais a potência que se relaciona a ele é ela mesma desprovida de potencialidade perfeita” (GARDEIL, 2013, p.168), assim o objeto que é essência “por ela mesma” e sendo imaterial, terá uma eficácia na sua revelação. Percebe-se o objeto que conheço, torna-se presente nesta faculdade da vontade. Pois aquilo que desejo permanece fora e é mais digno de possuir algo claro que se possa relacionar com a coisa exterior. O prazer da vontade sempre é a tomada da posse por nossa faculdade cognitiva.

Santo Tomás neste ponto tem uma releitura de Aristóteles quando diz que a felicidade suprema, que dá o começo do conhecimento um deleite no ato da contemplação da coisa. Na *Ética Nicômaco* (2001) vai dizer que “porque os homens felizes de bom grado e com muita constância lhes dedicam os dias de sua vida; e esta parece ser a razão de não as esquecermos”, querendo enaltecer desde novo já temos essa inclinação à vontade de conhecer. A vontade pega da inteligência até o mais elevado da última causa. Por isso realiza em todos os objetos que está a exterior, interior ou até mesmo além da alma, então diremos que “o amor de Deus é melhor que o conhecimento que temos dele; inversamente, o conhecimento das coisas corporais é melhor que o amor delas; falando absolutamente, no entanto, a inteligência é mais nobre que a vontade” (AQUINO apud GARDEIL, 2013, p.169).

O movimento próprio da vontade será sempre a inclinação para algo. Por isso chama-se de natural, conforme for à inclinação da natureza humana. O próprio da dedução passa com a

vontade. A vontade sempre terá uma inclinação aos bens particulares mesmo sem a conexão necessária e outras a vontade nem sempre será para uma sensação de bem-estar. A conexão necessária que o homem adere a Deus (intelecto supremo) consiste em uma verdadeira beatitude. Esta vontade ela necessariamente não aderirá à vontade de Deus, mas ela almejará essa vontade de está com ele. Quando Santo Tomás eleva “que o *bem e o mal*; objetos da vontade, *estão nas coisas*; enquanto o *verdadeiro e o falso*, objetos do intelecto, estão na mente” (ST I Q.83, art.3), quanto mais essa coisa em si (o que está apto a conhecer) consistir no bem, a alma é inteligida porque é um natural e, por conseguinte a vontade impulsionará ao intelecto. E em comparação com as coisas o intelecto dará esse pulso na vontade. Sempre a razão terá como companheira a potência, que visa o fim universal como ele mesmo diz “o bem e o mal, verdadeiro e falso”.

4.2.1 Livre Arbítrio

O ato livre do homem se dá, quando esse ato não é forçado, portanto tem que ser livre. Sem a pressão externa a liberdade acarreta inúmeros gêneros de atividade livre tais como: o poder de se mover corporalmente, o poder agir e participar dos atos externos. Também não tendo pressão interna, gera uma liberdade psicológica, ou seja, a possibilidade da vontade em determinar agir ou não, querer ou não querer. Portanto, o livre arbítrio é um ato espontâneo, partindo do próprio homem.

Na questão 83, art.1, Santo Tomás vai conceituar e clarificar a distinção entre atos de objetos sem discernimento como a pedra que cai sem conhecimento “se é elevada a certa altura e solta irá cair”; o outro como a ovelha que vendo o perigo discerne que tem que fugir, mas ela foge pelo fato do natural do instinto, já o homem ele irá raciocinar, ou seja, pela virtude cognoscitiva, que não virá somente do instinto natural, mas do racional. Por isso que o homem contém o livre arbítrio, pelo fato de ser racional.

O livre arbítrio é a causa do movimento e levado a esse agir. Porém o homem não corre por livre arbítrio, sua causa eficiente é Deus, pois se dá na causa motora primeira “o homem tem livre arbítrio; do contrário seriam inúteis os conselhos, as exortações, os preceitos, as proibições, os prêmios e as penas” (ST I, Q.83, art.1). A liberdade dada ao homem gerada da natureza criada, pela experiência, com a iluminação divina aperfeiçoa a razão de uma conclusão decisiva.

O homem, porém, age com discernimento; pois pela virtude cognoscitiva, discerne que deve evitar ou buscar alguma coisa. Mas esses discernimentos, capaz de visar diversas possibilidades, não provêm do instinto natural, relativo, a um ato particular, mas da reflexão racional. Pois a razão relativamente às coisas contingentes pode decidir entre dois termos opostos... Ora, os atos particulares são contingentes e, portanto, em relação a eles, o juízo da razão tem de se avir com termos opostos e não ficar determinado a um só. E, portanto, é forçoso que o homem tenha livre arbítrio, pelo fato de ser racional. (ST I, Q.83, art.1)

O homem julga que é conveniente para atingir o fim, provém ao mesmo tempo que percebe a contingência do agir não é um absoluto. Esse bem contingente pela liberdade faz o próprio do inteligir que é julgar, compor e dividir até chegar a esse conhecimento. Por isso o ato livre procede lado a lado inteligência e vontade. É uma escolha ou eleição, onde o livre arbítrio se encontra com a vontade e com o próprio sujeito.

Para alcançar tal meta, dois meios se oferecem a mim, assim, para ir a tal vila, tal e tal caminho; nenhum dos meios, nenhum desses caminhos se impõe a mim, posso escolher este ou aquele: eu direi que, do ponto de vista da *especificação*, meu ato é livre; porque alcançará a tal vila e, portanto, tomar tal caminho não me parecerá absolutamente necessário; ainda posso querer ou não querer. Tal capacidade de escolha e vista. (GARDEIL, 2013, p.176)

A liberdade é inúmeros atos ao lado da inteligência com a vontade. Essa capacidade de apreensão com o apetite e depois o juízo a razão e a vontade, gerando a intencionalidade a um fim, “a liberdade se define a capacidade da faculdade em escolher (*vis electiva*)” (HUGON, 1998, p.180). Muitas das vezes há uma falta de conexão entre o juízo especulativo e a consulta da vida. Porque muita das vezes o homem escolhe por sua razão, mas quando o juízo prático está formulado seguem sem erros.

Esta análise do ato livre é suficiente, porque, se ela se realizar sem a razão adequada não iria provocar a escolha do motivo suficiente (o último fim). Motivo que necessita deste fim que é o bem universal e absoluto. A eleição de um objeto é feita para um bem particular. Sempre que for agradável e suficiente, a vontade irá se fixar nele, não de maneira cega, mas suficiente para chegar à veracidade do objeto. “Se tivéssemos destruído ou a liberdade pela Providência ou a Providência pela liberdade, não saberíamos onde começar, tanto essas duas coisas são necessárias, e tanto são evidentes e indubitáveis as ideias que delas temos” (HUGON, 1998, p.181).

Nesse sentido o intelecto preenche a razão apetitiva proporcionada à vontade e o livre arbítrio, que se dá na relação objeto e ato. O inteligir traz na recepção de uma coisa simples, por onde, considerar os inteligidos, no sentido próprio. Já o raciocínio, gera um passar do conhecimento como se fosse um “círculo” conectado a vontade, sentidos, liberdade e o intelecto. “O intelecto se compara a vontade como motor. E, por isso, não é preciso distinguir, na vontade, o agente, do possível” (ST I, Q.84, art.4, ad.3). Esse querer ajuda muito no simples desejo de uma coisa. Por isso a vontade quer o fim do desejo de si mesmo. Logo a escolha dá nesse desejo a coisa em que quer conseguir. Assim à vontade e o livre arbítrio são duas potências, que acaba formando uma unidade.

4.3 VERDADE

O objeto da verdade concentra-se em mostrar sobre qualquer discurso no mundo. Aqui o princípio da verdade demonstra até a última instância se esse discurso é falso ou verdadeiro, com isso demonstrações por vias onde é impossível gerar um engano. Pois duas características importantes seria aquilo que é conhecido, pois uma vez que conhecemos, impossível nos enganarmos; e outro é que não devemos ficar no sentido da hipótese, pois deve ser por excelência conhecido e por aquele que pretende ou necessita conhecer a coisa. “Logo o verdadeiro e falso não estão nas coisas, mas no intelecto” (ST I, Q.16, art.1).

Nota-se que a diferença entre o apetite e o intelecto, ou até de qualquer conhecimento proposto, está em que esse conhecimento se dá no conhecente. Por isso a necessidade da inclinação à coisa, e esse apetite (desejo) que é um bem, buscará a verdade que está no conhecimento. O objeto intelectual pode comportar-se no intelecto ou nela mesma, ou por acidente. Acontece um ordenamento que através do intelecto independentemente como venha esse objeto ele poderá ser conhecido. Por assim dizer que o nosso intelecto e suas faculdades julgam, não objeto que existe em seu acidente, mas no que a sua essência. “Semelhantemente, as coisas naturais chamam-se verdadeira, (...) assim, chamamos verdadeiras à pedra que realiza a natureza própria da pedra, preexistente no conceito do intelecto divino” (ST I, Q.16, art.1). Santo Tomás demonstra que a verdade existe principalmente no intelecto, depois que encontrará nas coisas que em si irá depender do intelecto, como origem e princípio. E nesse caminho tudo que é accidental irá perdendo forças.

Interessante que na *Suma Teológica* questão 16 sobre a verdade, Santo Tomás vai trazer um questionamento “sobre a causa ser uma coisa que é”, e nesse questionamento diz que “uma

coisa é ou não é, assim a opinião ou a oração é falsa ou verdadeira”, interroga ele? Porém ele vai responder que:

Embora a verdade do nosso intelecto seja causada pela realidade, não é necessário, que a noção dela se encontre primariamente na realidade. Assim como a noção da saúde não se encontra, primeiro no remédio, que no animal; pois é a virtude e não a sanidade do remédio, a causa da saúde, que não é um agente unívoco. Semelhantemente, não é a verdade do intelecto. Por isso a opinião e a oração é verdadeira, *porque a realidade existe*, não porque seja verdadeira. (ST I, Q.16, art1, ad3)

Então, essa verdade, que existe no intelecto e a realidade verdadeira estão na medida em que tem a forma própria da natureza. Assim o intelecto conhecente é verdadeiro, na medida em que tem semelhança com a coisa conhecida. O intelecto, contudo, conhece a conformidade com a coisa inteligível; porém não capta a conformidade quando conhece a essência da coisa. Assim quando julga a coisa na conformidade com a forma que ele apreendeu, por isso conhece e afirma a verdade, quando o intelecto realiza compondo e dividindo. Pois a verdade se dará na forma em que eu julgo e como ele se manifesta, contudo, a razão converterá a uma verdade que está no ser e por consequência nas coisas e no intelecto. No discurso do Papa São João Paulo II sobre o realismo da verdade ele vai dizer que:

Santo Tomás buscou a capacidade de acolher e “afirmar” tudo o que aparece diante da inteligência humana, como a realidade existe determinada em toda a riqueza inexaurível do seu conteúdo; vai buscar, em particular a capacidade de escolher e “afirmar” aquele “Ser”, que é capaz de conhecer-se a si mesmo, de maravilhar-se em si e principalmente de decidir e forjar a própria e irratável história. (PAULO II, 1980)

Por isso a verdade está mais próxima do ser, e ela (verdade) diz respeito ao próprio ser. Assim a noção do bem é consecutiva no ser, que é perfeito por via do apetite. Logo, o conhecimento natural do apetite se dará por via racional antecedendo ao bem.

Santo Tomás vai sempre enaltecer a importância do intelecto. Pois através dela a verdade e a realidade vai girar em torno, sobretudo em Deus. Sendo assim, o próprio inteligir é a medida e a causa de qualquer outro intelecto, que o mesmo seja do inteligir. Vai comentar ele “Vieram a menos as verdades entre os filhos dos homens: assim como da face de um mesmo homem resultam várias imagens semelhantes no espelho, assim de uma mesma verdade divina resultam em muitas verdades” (ST I, Q.16, art.6). Analisamos que se a verdade existe nas coisas, logo todas as coisas são verdadeiras. Interessante que a essência ou as formas das coisas

é uma só verdade que o intelecto divino nos revela e a virtude na qual se domina verdadeiramente.

Qualquer verdade a razão humana por meio de uma pesquisa sincera for capaz de descobrir, não poderá jamais estar em contraste com uma verdade anteriormente demonstrada; porque Deus, suma verdade, criou e rege o intelecto humano, não para que as verdades já adquiridas ele contraponha cada dia outras mais novas, mas para que removendo os erros que eventualmente se forem introduzidos, acrescente-verdade a verdade, na mesma ordem e com a mesma harmonia com qual vemos constituída a natureza das coisas criadas, onde a inteligência humana vai haurir a verdade. (PIO XII, 1950)

4.3.1 Acidentes

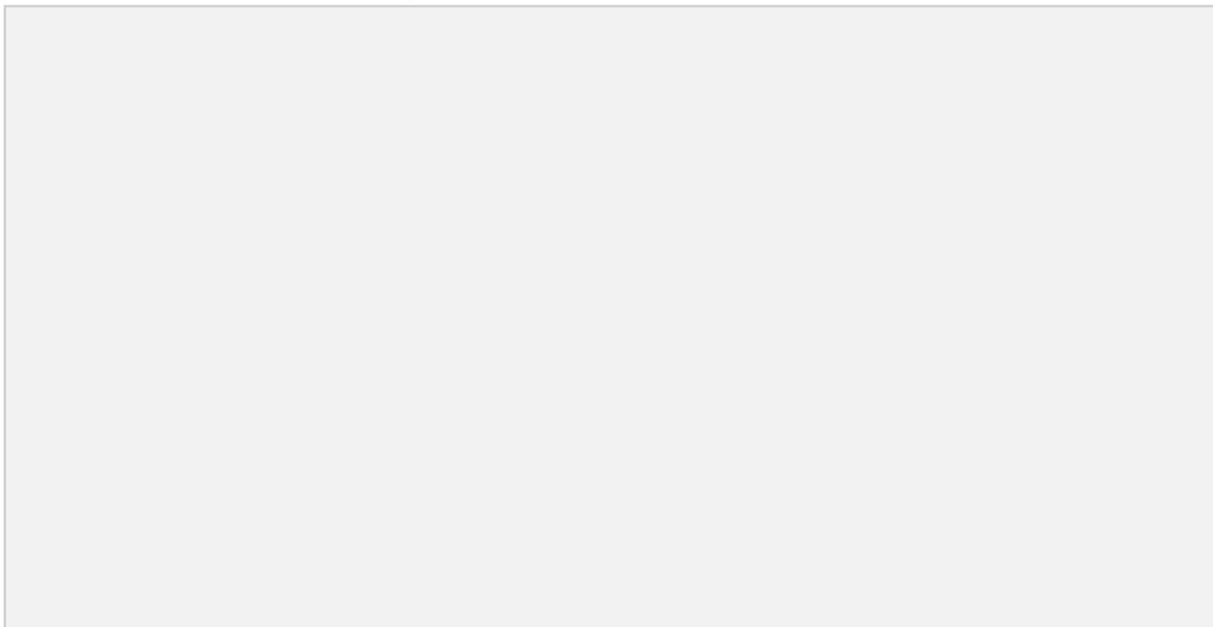
Em tudo que foi revelado na iluminação sobre a verdade das coisas, Santo Tomás diz que o homem em sua percepção intelectual pode sofrer disparidade em relação a essência da coisa. Assim ele sofrerá pela quantidade, qualidade, relação com o objeto, sua ação, paixão, o lugar, sua posição perante o objeto, tempo (contato ou situação externa) e a posse (a frequência para com o objeto). Mas em tudo isso Deus permanece acima desses acidentes, porque o homem sempre irá compor, julgar e dividir.

A substância do objeto diz em si mesma que o acidente pode alterar a concepção do existir que pode deixar de está em si mesmo. O Ser que recebe o acidente só pode ser um Ser já formado ou em ato (existir), que esteja em potência na relação com a perfeição na forma do acidente. Logo Santo Tomás, agrupa em três pontos como o sujeito de modo intrínseco ou extrínseco está para o erro.

Nisto o predicado se dá em três maneiras a um sujeito. A primeira maneira é a medida que o sujeito dá ao predicado a substância primeira, e a *substância* particular do que é atribuído. Na segunda maneira, o predicado corresponde a uma característica ao sujeito. Assim, o predicado inclui de modo absoluto, fazendo sequência à matéria na quantidade, ou fazendo sequência à forma na qualidade, ou introduzindo de modo não absoluto, mas em relação com um outro. O terceiro modo é o predicado tomando do que é exterior ao sujeito. Esse modo resulta em dois modos diferentes: o que está absolutamente fora do sujeito, e não está a medida deste sujeito dando o modo da posse; o outro pelo contrário, é medido do sujeito que não pertence, ou seja, fora do seu alcance, tempo e lugar, o predicado ou se reportará ao tempo, ou ao lugar se tiver o lugar. Quando não se considera alguma dessas partes a posição dará essa ordem. De outro modo, o predicamento considerado em relação ao sujeito é atribuído a uma

ação; como se ocorre o modo da paixão que o sujeito está apto ao recebimento. Como pode ser apresentado no quadro seguinte:

Quadro 1 - Sistema dos Acidentes



Fonte: GARDEIL, 2013, p.393.

Portanto, o hábito designará um acidente muito externo ao ser em si que estará no seu particular. A situação é diferente do lugar, pois a situação está à disposição das partes de um corpo no lugar. Mas essas modalidades do ser são válidas nas substâncias materiais.

4.3.1.1 *Qualidade e Relação*

Neste ato de dar qualidade, o próprio sujeito contém a coisa sua forma que fará distinguir das outras. Assim a razão qualitativa dará essa distinção dos acidentes externos. Podemos dizer que todos os acidentes determinam o sujeito? Responde ele que não, porque a quantidade e qualidade, são muito distintas porém a qualidade de certo modo dá uma especificidade do sujeito substancial.

A relação com a natureza e o sujeito substancial, passa a ser um *habitus*. Quando a qualidade está intrínseca, assim sua diversidade de disposição na relação é boa ou má, até menos o que é ou não é. Passa a ter um costume, gerando uma habilidade na virtude. Depois vemos no homem a qualidade da potência e a importância, que afetam o sujeito enquanto atividade como, por exemplo, inteligência, imaginação, e vontade; as qualidades passíveis afetam os sentidos e as que se encontram no início da condição física como a exemplo, quente,

frio, seco. Por fim, a quantidade compõe a forma e a figura; se dá necessariamente no limite que é o objeto, como uma esfera.

Percebemos que as relações das coisas criadas com o mundo dão-se nas relações transcendentais, que é uma coisa da natureza própria. A vontade do bem, da inteligência, tudo aquilo que faz parte da essência. Com a relação predicamental está para uma realidade que o sujeito se refere, a uma qualidade, uma definição, como diz a própria palavra dá o predicado segundo o Ser nomeia.

4.3.2 Falsidade

Vemos que de forma concreta o Aquinatense, mostra como conhecemos. Assim, analisamos que toda verdade composta ao homem pode vir com algumas alterações na evolutiva do conhecimento. Percebemos que o erro (falsidade) está questionando sobre a essência da verdade em sua origem, Pois como diz Santo Tomás todas as coisas existem porque são verdadeiras.

Se existe a verdade no intelecto. Logo, nas coisas não há falsidade, pela sua relação delas no intelecto. “As coisas nos enganam, não por si mesmas, mas, por acidente, oferecendo ocasião à falsidade, por terem semelhança com outra coisa, de que não tem a existência” (ST I, Q.17, art.1, ad2). É como um ser que dá nome, segundo lhe convém em sua essência, e lhe pode por acidente uma coisa chamada falsa na relação com o intelecto. Então as coisas naturais estão na relação do intelecto divino como humano. Por conseguinte Santo Tomás relata que “assim, pois nas coisas dependentes de Deus, não pode haver falsidade, relativamente ao intelecto divino, porque tudo o que existe nelas, procede da ordenação desse intelecto” (ST I, Q.17, art.1). E o erro se dá na busca das mentiras e da vaidade humana, pois não é capaz de olhar para a luz . O conhecimento não é feito pelo acidente, mas no que é essencial. Deus cria todas as coisas por isso são verdadeiras, assim elas dependem Dele para existir.

Nos sentidos não há falsidade, porque eles (sentidos) só conhecem as coisas em si mesmas; por exemplo, a visão, ela em si vê ao que está ao alcance, tais como cor, figura, tamanho. Então esse caminho gerará um acidente e por consequência passará ao intelecto. Assim Santo Tomás diz que “não há verdade nem falsidade... compor e dividir não pertence aos sentidos. Logo neles não há falsidade” (ST I, Q.17, art.2), portanto, os acidentes nos sentidos são válidos.

Porém, o intelecto não se pode enganar, porque ele é a força que julga, compõe e divide. Assim ele tem o conhecimento do verdadeiro e falso. Quando falamos de verdade (essência), é porque a falsidade pode existir intelecto pelo fato dele conhecer a verdade, por isso o homem conhece o bem e o mau. “O intelecto não pode ser falso, quando conhece as quiddidades simples; mas, ou é verdadeiro, ou não entende absolutamente nada” (ST I, Q.17, art.3). O intelecto através do julgar, compor e dividir, atribuição da coisa enquanto for falso ou verdadeiro, se tem relação ou não com o objeto.

Em todo caminho o verdadeiro e falso demonstra opostos. Assim a verdade estabelece o entendimento da coisa. Por isso que o cego só conhece o que é natural à realidade. Em vista disso a verdade se estabelece no que a coisa diz em si e a falsidade logo terá uma aceção inadequada. Desta maneira o falso se não se baseia no verdadeiro e do mesmo modo que o mal não se adentra no bem, porém pode está no que está sujeito a uma realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado nos capítulos anteriores, o caminho percorrido por Santo Tomás , verifica-se como o homem conhece o mundo, análise de uma filosofia medieval que gera um grande impacto até os dias atuais. Foi visto que todo conhecimento se dá no intelecto através da realidade. Assim essa unidade corpo e alma, intelecto humano e Supremo, se origina na conexão em que o homem está inserido no mundo.

Como percebemos no decorrer do texto, a razão é o que move o ser ao conhecimento. Na razão humana dar-se-á um vasto “leque” de gerir a capacidade intelectual. Compreendemos que a luz da razão demonstra que tudo que conhecemos existe dentro de nós, porém, falta essa “luz” superior em que muitos filósofos chamam de “motor imóvel, ser supremo, etc...” e Santo Tomás nomeia de Deus.

Dessa maneira passamos por várias vias desde o corpo como pertença do mundo até os meios onde podemos afirmar ou negar a coisa. Logo percebemos que temos dois níveis: os sensíveis e os inteligíveis. E por que passar pelos sensíveis, se o inteligível é por excelência onde se dá o conhecimento? Responde ele que como o corpo está no mundo, assim os sensíveis são o próprio corpo em conexão com a realidade, também o corpo é a única forma, substancial e imediata dos degraus e que gerará uma potência. Tudo que está ligado à alma como as sensações, desejos, movimento está ligado também ao corpo, por isso que no capítulo 3 vai falar sobre a possibilidade do erro. A potência sempre estará para o ato e quando estiver em ato tornará novamente potência para o ato.

O conhecimento sensível que se origina no corpo tem duas potências que são nomeadas de sentidos externos e internos. Os sentidos externos que são responsáveis por receber as informações vindas do externo (fora do corpo) e enviam aos sentidos internos. Que por sua vez recebem essa informação imediata produzida pelos objetos, que é classificada em quatro tipos: o comum, imaginação, memória e estimava. E cada um é responsável por reproduzir (imagem), armazenar, associar e conservar (memória). Em tudo isso se dá o primeiro nível do conhecimento.

Interessante frisar que a ideia de fantasma é muito importante para o conhecimento, porque é a matéria prima que ele chama de “*quid*”, a essência. Por isso, um ponto importante como em outros autores, a exemplo de Santo Agostinho que exaltou o papel da memória. Portanto, aquele termo é de extrema importância: “a potência sempre estará para o ato e quando estiver em ato, tornará outra vez potência”. É como se estivéssemos voltando às imagens, pois o objeto do intelecto está unido ao corpo.

E no segundo nível chegamos ao nosso intelecto, que faz a compreensão dos objetos. Vemos que existirá uma ponte entre o particular e o universal. E nessa ponte se encontra o pilar mais sólido do conhecimento humano, porque nessa parte o intelecto irá compor, dividir e raciocinar; pois este intelecto sempre fará esse caminho da potência para o ato. O conhecimento intelectual se dá quando é captado nos sentidos e pela memória chega aos inteligíveis. Assim este intelecto contém dois “motores” que são o intelecto agente e o possível. Sendo assim o agente extrai a natureza das coisas para o ato, como se fosse uma iluminação própria do ser; o possível sempre atualizará o que foi recebido do agente, lá no “possível” se dará o conhecimento do homem, mas não significa que nos outros órgãos não conhecemos.

Em tudo isso, Santo Tomás vai dizer que essas abstrações, percepções, se dão porque o intelecto humano recebe uma iluminação do intelecto supremo. O conhecimento natural do homem que se deixa conhecer iluminado por esse Ser supremo. Essa imperfeição acaba gerando esse amor sendo o mais desejado de qualquer outro conhecimento. Isso porque Deus, com sua infinita sabedoria, fez as criaturas e deu a razão natural para o nosso conhecimento. Portanto, recebemos essa luz que por sua sabedoria dotou a natureza humana com os princípios da razão.

Em virtude disso, Santo Tomás finaliza dizendo que o homem tem dentro de si uma vontade, que está imanente com o hábito do movimento, assim esta natureza própria que caminha com o intelecto gera essa necessidade de conhecer. Contudo, o homem é livre para ter essa vontade. Pois como o intelecto supremo ilumina a todos, porém nem todos se deixam ser iluminados ou vão em busca do conhecimento. A liberdade é um ato da inteligência com a vontade, gerando essa capacidade de apreensão com o apetite e o juízo.

Percebe-se que a verdade se encontra no intelecto, pois o que conhecemos, uma vez já conhecido torna-se impossível de enganarmos, pelo fato da verdade se encontrar na memória. Interessante que mesmo com toda iluminação, vontade, liberdade, o homem está propenso ao erro. Assim como o homem sofre, o nosso intelecto também sofre em relação à essência da coisa. Por isso que ele diz que esse sofrimento se dá pela quantidade, qualidade, relação dos objetos, a ação, paixão, posição perante o objeto e a posse.

Analisamos que a falsidade está relacionada à essência das coisas em sua origem, pois se a coisa em si existe é porque é verdadeira. Se a verdade está no intelecto, as coisas nos enganam não pela sua essência, mas pelos seus acidentes. Vejamos que Santo Tomás diz que no intelecto existem o verdadeiro e o falso. Mas como existem o verdadeiro e o falso no intelecto, se somos iluminados? Ele traz a necessidade de existir esse verdadeiro e falso, porque precisamos distinguir a verdade, pois se encontra na própria coisa com o homem enquanto Ser

de vontade e liberdade. O homem analisa e percebe que não é a essência daquele objeto, logo verá a falsidade, assim como conhecedor da verdade terá propriedade em reanalisar a coisa voltando à memória e se for necessário, aos sentidos. Por isso que no intelecto não pode ocorrer erros, pois ele é a força que julga, compõe e divide. É notório explorar o mundo através da razão sem perder de vista a fé. A filosofia de Santo Tomás nos oferece um gama de visão das coisas em sua essência. Deus se manifesta através da natureza, assim elevando o homem a esta inclinação pelo fato de pertencer a ela (natureza). Vemos que ele apresenta uma hierarquia que se cumpre em sua finalidade e é atingida, mesmo que sem ter consciência de conter a inteligência. Assim, estamos distribuídos no mundo com uma finalidade própria e capacidade de conhecimento.

Há a importância de estudar Santo Tomás em uma estrutura ordenada das coisas, daquilo que nos leva a buscar essa experiência no verdadeiro pensar. Uma volta a ele seria tratar a obra como aquele que trata de vários problemas a respeito do Ser, de Deus, do sumo bem, da ética, da política, do governo, da lógica, do problema do mundo, as questões que os filósofos continuam investigando. A referência à *Suma Teológica*, nos convida para o agir, o pensar e tudo que nós possamos compreender.

Podemos dizer que a *Suma* é o livro mais avançado de sua época, porque Santo Tomás dialoga com tudo e com todos. Ele consegue colocar Aristóteles, os árabes e a Bíblia dentro da *Suma*, num grande diálogo. Com isso, as verdades racionais uniram-se a todos (como forma de conhecimento). Ele dizia que os pagãos não compartilhavam da nossa fé, mas eles acreditavam que poderiam conhecer através da racionalidade. Assim, o ponto comum entre os pagão e os cristão é a razão. Logo, é possível conceber esse diálogo entre o cristianismo e os pagãos através desta grande obra. Por isso Santo Tomás dizia da necessidade de “entender para crer”.

Por tanto essa volta a Santo Tomás é aprender como ele ordena as coisas. Perceber como um autor medieval, soube dialogar com seus opositores. Demonstrou como é possível filosofar sem perder a fé, sem denegrir e nem expulsar (condenando). Partindo do próprio princípio dos "pagãos" que era utilizar a razão. Assim percebemos que Santo Tomás não está ultrapassado, mas sempre encontraremos nela algo novo para colaborar na nossa compreensão.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina; De magistro, Trad. Angelo Ricci. 3º ed. São Paulo, Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores)

ALMEIDA, Nazareno Eduardo de. **Os princípios da verdade no livro da Metafísica de Aristóteles.** Princípios, Natal, v.15, nº 23, jan/jun. 2008. p.05-63

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia (vol. 1).** 3º ed, São Paulo, Paulus, 1990

ARISTÓTELES. **De Anima.** Trad e nota Maria Cecília Gomes dos Reis. 1º ed, São Paulo, Editora34, 2006.

ARISTÓTELES. **Ética A Nicômaco.** Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo. Edit. Martin Claret Ltda. 2001.

ARISTÓTELES. **Organon.** Trad. Edson Bini. São Paulo. Ed. Edipro. 2º Edição Revista. 2010.

AQUINO, Tomás (Santo). **Suma Teológica: vol 1: 1a PARS.** Tradução: Alexandre Correia - Campinas, São Paulo: Ecclesiae, 2016.

AQUINO, Tomás (Santo). **Súmula Contra os Gentios. Livro Iº e IIº.** Trad. D.Odilão Moura O.S.B. e D. Ludgero Jaspers; Porto Alegre: Escola Superior de teologia São Lourenço de Brindes. Universidade de Caxias do Sul. Livraria Sulina Editora. Co-edição. 1990

AQUINO, Tomás (Santo). **Súmula Contra os Gentios. Livro IVº.** Trad. D.Odilão Moura O.S.B. e D. Ludgero Jaspers; Porto Alegre: Escola Superior de teologia São Lourenço de Brindes. Universidade de Caxias do Sul. Livraria Sulina Editora. Co-edição. 1990

BERGER, André de Deus. **Teoria do Conhecimento em Tomás de Aquino: A necessidade da Ação dos sentidos em suma de Teologia Iº,** 84. 2010. Graduação. Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista. UNESP.

BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalem.** Nova edição, revista. São Paulo. Editora Paulinas, 1973. Velho Testamento e Novo Testamento.

BRZOZOWSKI, Sonia. **Tomás de Aquino e o conhecimento na Idade Média.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH. São Paulo, julho. 2011.

CAMPOS, Sávio Laet de Barros. **AS provas da Existência de Deus em Tomás de Aquino.** Porto Alegre, RS; Editorafí, 2016. 65p.

CHESTERTON, G.K. **Santo Tomás de Aquino, biografia.** Trad. e nota Carlos Ancêde Nougé. São Paulo: LTr, 2003.

COSTA, M. R. N. **O processo do conhecimento humano em Tomás de Aquino.** ÁGORA FILOSÓFICA. Ano 11 • n. 2 • jul./dez. 2011.

GARDEIL, H.D. **Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino**, II Psicologia, Metafísica. Editora Paulus. São Paulo, 2013

GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo. Ed Martins Fontes. 2000.

GIUSSANI, Luigi. **O Senso Religioso.** Tradução: Paulo Afonso E. Oliveira. 2º ed. - São Paulo: Editora Companhia ilimitada, 1993. - (PerCurso ; v.1)

HIRSCHBERGER, J. **História da Filosofia na Idade Média** . Trad. Alexandre Correia. São Paulo: Herder, 1966.

HUGON, Padre Édouard, O.P. **Os princípios da filosofia de Santo Tomás de Aquino: as vinte e quatro teses fundamentais.** Trad. Odilão Moura, D. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. (Coleção Filosofia; nº 77)

LEÃO XIII, do Sumo Pontífice. **Aeterni patris (da pátria eterna).** Sobre a restauração da filosofia cristã conforme a doutrina de Santo Tomás de Aquino. Epístola Encíclica. Roma, 1879.

PALMER, R. E. **Hermenêutica.** Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2006.

PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II aos participantes no IV congresso tomista internacional.** Pontifícia Academia Romana de São Tomás de Aquino. 13 de setembro de 1980. Discurso em ocasião do centenário da Encíclica <Aeterni Patris> de Leão XIII.

PINTO, Anselmo Orlando. **Tipos e Graus de Conhecimento.** Kalagatos, v.13, n.25, p. 45-56, 2016.

PIO XII, Papa. **Humani Generis.** Roma, junto de São Pedro, no dia 12 de agosto de 1950. Sobre opiniões falsas que ameaçaram a doutrina Católica.

SANTOS, Iveraldo. **Atualidade da obra de Tomás de Aquino.** Aquinate, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, nº 29, (2016), 23-32.

SILVA FILHO, Paulo Vicente Gomes. **O problema da verdade na filosofia de Santo Tomás de Aquino**. Recife: O autor, 2014. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco. CFCH: Pós Graduação em Filosofia, 2014. Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa.